

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – CATÓLICA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA DE FAMÍLIA E INTERAÇÃO SOCIAL – LAFAM

LÍVIA DE MOURA GRIZZI

**A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL NA GESTALT-TERAPIA DE CASAL E
FAMÍLIA: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES**

RECIFE/2015

LÍVIA DE MOURA GRIZZI

**A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL NA GESTALT-TERAPIA DE CASAL E
FAMÍLIA: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadoras: Profas Dras Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto e Cristina Maria de Souza Brito Dias.

RECIFE/2015

G872c Grizzi, Lívia de Moura

A comunicação não verbal na gestal-terapia de casal e família :
construindo possibilidades / Lívia de Moura Grizzi ; orientadoras
Cristina Maria de Souza Brito Dias, Carmem Lúcia Brito Tavares
Barreto, 2015.

102 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado
em Psicologia clínica, 2015.

1. Gestalt-terapia. 2. Comunicação não-verbal. 3. Relações humanas.
I. Título.

CDU 159.9.019.24

FOLHA DE APROVAÇÃO

Lívia de Moura Grizzi

A Comunicação Não Verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família: construindo possibilidades

Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: 05/06/2015

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ênio Brito Pinto

Instituição: Instituto Gestalt de São Paulo

Assinatura: _____

Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco

Instituição: Universidade Católica de Pernambuco

Assinatura: _____

Profa. Dra. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Instituição: Universidade Católica de Pernambuco

Assinatura: _____

Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Instituição: Universidade Católica de Pernambuco

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À minha família herdada e escolhida, com todo amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Izabel e Jácome, por todo amor e segurança em todos os caminhos que escolho me aventurar.

À minha irmã, Cecília, por construir comigo um laço muito além da fraternidade, o da amizade incondicional.

Ao meu marido, José, pelo amor, compreensão e parceria em nosso casamento e projetos.

Ao meu cunhado, Yuri, por sempre me perguntar, a cada encontro: “E aí? Já acabou?”; trazendo-me, assim, uma pressa necessária.

Aos meus familiares e amigos, que respeitaram o meu afastamento no momento de pesquisa, mantendo-se presentes.

À minha orientadora, Cristina Brito, por ter me permitido pesquisar sobre o tema e por ter ido além da orientação teórica, sendo suportiva, incentivadora e um exemplo para mim.

À minha orientadora, Carmem Barreto, por ter me acolhido na possibilidade de conhecer e trabalhar num novo método de pesquisa, ampliando o sentido do meu trabalho.

Ao professor Ênio Brito, pelos questionamentos, ensinamentos e disponibilidade.

À professora Ana Lúcia Francisco, pelas interrogações e contribuições sempre muito cuidadosas.

Ao Gestalt-terapeuta, familiar e amigo, Sérgio Buarque, por sempre me apadrinhar na vida.

À Gestalt-terapeuta, professora e amiga, Patricia Wallerstein, pelas leituras e por sempre estar junto.

Ao professor e amigo, Paulo Sérgio de Camargo, por ter me encantado com o universo da comunicação não verbal e por sempre me incentivar ao crescimento profissional.

À minha amiga, Carol, que esteve presente, essencialmente, em todos os momentos desse trabalho.

Aos meus clientes, pelas experiências vividas que despertam em mim o desejo de poder fazer algo mais.

Aos professores do mestrado, pela qualidade e compromisso com o conhecimento construído.

Às minhas colegas do mestrado, que vivenciaram comigo momentos de alegria e de compartilhamento das dificuldades enfrentadas.

À Universidade Católica de Pernambuco junto com a Fundação Capes, pelo financiamento do curso de mestrado.

RESUMO

O presente estudo tem como proposta principal compreender qual o lugar da comunicação não verbal na experiência clínica de gestalt-terapeutas de casais e famílias. Através da contextualização teórica sobre a Gestalt-terapia de Casal e Família e da comunicação não verbal na abordagem gestáltica, pretendeu-se construir um “pano de fundo” para o contato com o fenômeno interrogado na pesquisa realizada. O acesso à experiência dos gestalt-terapeutas participantes foi possível através de suas narrativas, segundo o conceito de narrativa de Walter Benjamin. Essas narrativas foram construídas e colhidas no encontro com a pesquisadora e, posteriormente, analisadas à luz da Analítica do Sentido - proposta metodológica de realização do real, de orientação fenomenológica, desenvolvida por Dulce Critelli. Logo, para o alcance do objetivo deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa e cunho fenomenológico. De forma geral, considerou-se que a comunicação não verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família tem uma importância essencial, visto que esse modo de comunicação é parte no campo terapêutico. Além disso, foi contemplado que as pessoas, geralmente, não têm consciência dessa comunicação, e, como a Gestalt-terapia trabalha com e para a *awareness*, abordar o não verbal mostrou-se fundamental. No entanto, o tema revelou-se de enorme escassez teórica, e é nesse paradoxo que se destaca a sua relevância e necessidade de atenção.

Palavras-chave: Gestalt-terapia de Casal e Família; comunicação não verbal; relacionamento.

ABSTRACT

The present study has as main purpose to understand the place of nonverbal communication on clinical experience of gestalt therapists of couples and families. Through the theoretical contextualization about the Gestalt Therapy of Couple and Family and nonverbal communication in gestalt approach, it was intended to build a "backdrop" for the contact with the phenomenon questioned in the survey. The access to the experience of the gestalt therapists participants was possible through their narratives, according to the concept of narrative of Walter Benjamin. These narratives were constructed and harvested in the encounter with the researcher and, later, analysed at the light of the *Analítica do Sentido* - methodological proposal of realization of the real, phenomenological orientation, developed by Dulce Critelli. Therefore, to achieve the objective of this work was carried out a field research, qualitative in nature and phenomenological slant. In General, it was considered that nonverbal communication in Gestalt Therapy of couple and family has an essential importance, since this mode of communication is part in the therapeutic field. In addition, it was contemplated that people usually have no conscience of this communication and, as the Gestalt Therapy works with and for the awareness, addressing the nonverbal proved crucial. However, the theme has proved of enormous theoretical shortage, and that is in this paradox that highlights the relevance and need for attention.

Keywords: Gestalt Therapy of Couple and Family; nonverbal communication; relationship.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 CONTEXTUALIZANDO NO CAMPO: A GESTALT-TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA	13
1.1 Um Breve Histórico sobre a Gestalt-terapia de Casal e Família	14
1.2 Pressupostos Sistêmicos na Gestalt-terapia de Casal e Família	16
1.3 A Visão Gestáltica de Casal e Família: Percorrendo as Fronteiras dos Relacionamentos Íntimos	21
1.3.1 Contatando: <i>Selves</i> que se “tocam”	25
1.3.2 Ajustamento Criativo e <i>Awareness</i> : Um Olhar para a Gestalt-terapia de Casal e Família com base na Psicopatologia	29
1.4 A Gestalt-terapia de Casal e Família em Ação	38
2 A FIGURA EM FORMAÇÃO: A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL EM GESTALT-TERAPIA	45
2.1 Terapia de Concentração: uma tentativa de resgate do não verbal?	46
2.2 Modos não verbais de contatar/comunicar	48
2.3 Heranças familiares para além da fala na Gestalt-terapia	50
2.4 Intercorporeidade: de Merleau-Ponty à Gestalt-terapia	54
3 O “COMO”: MÉTODO E POSSIBILIDADES COMPREENSIVAS EM AÇÃO	59
3.1 Participantes	63
3.2 Procedimento: do Convite à Análise dos Dados	64
3.3 A Comunicação Não Verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família: Construindo Sentidos	66
FORMANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	85

REFERÊNCIAS 90

ANEXOS 98

APRESENTAÇÃO

A temática deste estudo surgiu como figura de meu interesse, a partir de um Tema Livre que apresentei no XIV Encontro Nacional de Gestalt-terapia e XI Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica, em Setembro de 2013. Através do qual tive a oportunidade de expor algumas articulações teórico/práticas, que vinha construindo entre a Gestalt-terapia e a Comunicação não verbal – com base em Ekman (2011) e autores afins.

Com o título “A Linguagem Corporal das Emoções na Clínica Gestáltica: pensando em possibilidades”, o meu trabalho teve como “pano de fundo” três pilares fundamentais: as considerações da monografia de conclusão do curso de Especialização em Terapia Familiar (de epistemologia sistêmica); o conhecimento adquirido num Curso de Linguagem Corporal e a minha atuação como psicóloga clínica, de inspiração gestáltica. Ao longo da apresentação do Tema Livre, foi se tornando claro para mim o desejo de transformá-lo em algo mais consistente, que fosse além de interlocuções pessoais. O que eu já havia feito de certa forma, na perspectiva sistêmica – com a monografia que revelou a importância do que é dito além da fala, no favorecimento de uma comunicação mais consciente e, conseqüentemente, mais saudável, entre casais e familiares. E como naquele momento eu já havia ingressado no Mestrado, este foi vislumbrado como terreno fértil para a concretização de minha *Gestalt* emergente.

No entanto, ao me deparar com o cenário da pesquisa de campo, dar continuidade ao diálogo entre conhecimentos de áreas distintas, no caso a Gestalt-terapia e a comunicação não verbal que eu vinha estudando, pareceu inviável. Pois, sob o meu ponto de vista, iria requerer a participação de profissionais que dominassem as duas áreas e elas não são comumente associadas. Além disso, eu percebi que nesse processo de tentar encontrar interlocuções entre os dois saberes, eu estava deixando de lado a oportunidade de investigar sobre a comunicação não verbal na própria Gestalt-terapia, num campo, aparentemente, pouco explorado e coerente com a linha de pesquisa do Mestrado em curso: o de relacionamentos amorosos e familiares.

Foi quando decidi avaliar a relevância científica que poderia ter tal tema, inicialmente, através do estado da arte do mesmo. O que encontrei foi suficiente para decidir que o assunto elegido seria de uma contribuição fundamental: a falta de estudos sobre a comunicação não verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família, em minhas buscas.

Neste instante, o objetivo que eu viria a traçar em meu projeto de pesquisa se fez presente: compreender o lugar da comunicação não verbal na experiência clínica de gestalt-terapeutas de casal e família. E mais especificamente, refletir sobre o lugar da comunicação não verbal na clínica gestáltica com casais e famílias; descrever a experiência de gestalt-terapeutas de casal e/ou família, com a comunicação não verbal, em sua prática clínica e; compreender como esses profissionais lidam com a divergência entre a comunicação verbal e a expressa sem a presença da palavra. A ideia foi de, na ausência de teoria sobre a temática, construí-la a partir da prática de quem mais domina o assunto.

Para tanto, no primeiro capítulo, contextualizo o tema em foco, apresentando a Gestalt-terapia de Casal e Família. No segundo, trago à tona a comunicação não verbal na teoria gestáltica – como a formação de uma figura que terá sua completude alcançada no capítulo seguinte, com a comunicação não verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família. Esta última temática, possibilitada pela pesquisa de campo realizada, de natureza qualitativa e cunho fenomenológico, com base na Analítica do Sentido de Dulce Critelli (2007) – que também será descrita no terceiro capítulo. Ao final, dou forma a algumas considerações, a partir do fenômeno desvelado.

1 CONTEXTUALIZANDO NO CAMPO: A GESTALT-TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA

Escrever sobre a Gestalt-terapia de Casal e Família é, ao mesmo tempo, trazer à luz o conhecido terreno da Gestalt-terapia individual ou grupal, e as especificidades do trabalho psicoterapêutico com casais e famílias. Por se propor uma abordagem relacional desde os seus primórdios, pode-se afirmar que: independentemente da quantidade de pessoas presentes no *setting* terapêutico e dos tipos de relações que elas estabelecem, o enfoque do fazer clínico gestáltico está no que acontece “entre”. Entre terapeuta e cliente; entre o terapeuta e cada membro de uma família ou de um casal, e entre cada um desses participantes entre si.

A respeito dessa experiência do “entre”, Lobb e Lichtenberg (2005) acrescentam que o gestalt terapeuta percebe a si e aos seus clientes não como entidades separadas, mas como uma “totalidade dialógica”, na qual o diálogo existe de forma a possibilitar que toda comunicação, que venha de qualquer membro, afete e reverbere nessa totalidade de percepções mútuas. Assim sendo, o sentido do que é dito verbalmente, ou para além da fala, é e só pode ser construído nesse espaço de intercâmbio do encontro terapêutico.

Evidentemente que com o olhar voltado para a relação, a Gestalt-terapia – que começou a ser delineada em 1936, por Friederich Salomon Perls, mais simplesmente conhecido como Fritz Perls - já surgiu como lugar fértil para o trabalho com casais e famílias, o qual veio a florescer em meados da década de 1950. No cenário desta época encontrava-se a contínua emergência das terapias familiares, embasadas na epistemologia sistêmica de pensamento¹. Foi um momento de expansão do intrapsíquico para o interpessoal; do sintoma como expressão de problemas na instância psíquica do indivíduo, para o adoecimento como alerta para

¹ A epistemologia sistêmica de pensamento, de acordo com Vasconcellos (2002) – epistemóloga brasileira que propôs o paradigma sistêmico como o novo paradigma da ciência – tem como principais pressupostos: a) a complexidade: que reconhece que todos os fenômenos do universo estão inter-relacionados, sendo imprescindível considerá-los em seu contexto complexo; b) a instabilidade: que reconhece que o mundo está em constante processo de vir a ser, o que impossibilita uma atitude determinista sobre os fenômenos; c) a intersubjetividade: que defende que não existe uma realidade independente de um observador e que o conhecimento é construção social.

a necessidade de cuidado do ser em relação com o mundo, com o outro, com a família, com a cultura, e com todo o campo ecológico no qual se encontra inserido.

E foi em congruência com essa filosofia do conhecimento que a abordagem gestáltica deu os seus primeiros passos em direção ao campo dos relacionamentos amorosos e familiares.

1.1 Um Breve Histórico sobre a Gestalt-terapia de Casal e Família

A construção da Gestalt-terapia com casais e famílias teve início nos Estados Unidos, mais especificamente no Instituto de Gestalt-terapia de Cleveland, a partir dos esforços de gestalt-terapeutas que compunham este núcleo, com destaque para Sonia Nevis e Joseph Zinker. Em resposta à influência do contato com Fritz Perls, pai² da abordagem em questão - que viajava visitando grupos de profissionais interessados em sua nova forma de fazer terapia, como narra Tellegen (1984) – o referido instituto foi fundado em 1954 e, após doze anos, começou a introduzir programas de treinamento sobre a aplicação da Gestalt-terapia para trabalhar com casais, famílias e grupos. Tornaram-se assim, pioneiros no manejo terapêutico com relacionamentos; *expertise* a qual compartilharam em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil.

Com distinção nessa trajetória, Joseph Zinker publicou o inovador livro “In search of good form: Gestalt therapy with couples and Family” (1994), traduzido e publicado em São Paulo, em 2001, com o título “Em busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos”. Esta obra apresenta toda uma fundamentação teórica e prática elaborada ao longo de sua experiência nesta área (CIORNAI; FERNANDES, 2001), sendo considerada literatura de referência para todos aqueles que se interessam pelo tema. Já no primeiro capítulo, Zinker (2001, p. 37) introduz algumas “[...] pessoas brilhantes com *backgrounds* intelectuais distintos” que também vieram a contribuir com a sua

² Apesar de Fritz Perls ser denominado pai da Gestalt-terapia, por parte de gestalt-terapeutas, existe uma objeção dos que consideram que a Gestalt-terapia não pode ter um pai, visto que foi configurada pelo conhecido “grupo dos sete”, composto por Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman, Elliot Shapiro, Halph Hefferline, Laura e Fritz Perls. (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997)

produção profissional, como o psiquiatra Carl Whitaker, especialista no atendimento a famílias e casais. Whitaker foi considerado um tio amoroso e suportivo, nas palavras do autor, e como um dos principais precursores da terapia familiar experiencial³, de aporte sistêmico e humanista, apresentou afinidade com pressupostos gestaltistas, o que possibilitou uma forte identificação entre ambos, e ricas trocas entre as duas abordagens.

Outra personalidade importante nesse percurso foi Virgínia Satir, também expoente na criação da terapia familiar experiencial, além de componente do influente grupo de Palo Alto, do qual faziam parte: Gregory Bateson, Jay Haley, Don Jackson e Jonh Weakland. Como frutos dessa parceria surgiram elaborações relevantes sobre a pragmática da comunicação humana e as origens e consequências dos paradoxos e duplos vínculos no desenvolvimento humano e seus relacionamentos. Todas essas construções teóricas são de ordem sistêmica, o que traz clareza à presença do pensamento das abordagens familiares sistêmicas na teoria e na prática da Gestalt-terapia, que se configurou a partir de Cleveland (ZINKER, 2001).

O conhecimento das terapias familiares sistêmicas também se mostrou parte da trajetória profissional de alguns dos Gestalt-terapeutas de Casal e Família brasileiros. Teixeira e Domingues (2005), por exemplo, apontam que a tentativa de agregar os fundamentos das abordagens sistêmicas à Gestalt-terapia foi utilizada pelos primeiros Gestalt-terapeutas cariocas que desejaram atender esta demanda. Segundo a autora, os profissionais justificaram tal iniciativa declarando a necessidade de recursos para sustentar a ampliação da clínica individual e grupal, a fim de incluir os familiares no cuidado terapêutico – motivação semelhante a dos americanos, como consta em Zinker (2001). Este movimento se deu no final da década de 1980 e ao longo dos anos de 1990, enquanto que a Gestalt-terapia foi introduzida no Brasil por volta de 1970 - em São Paulo, especificamente, em 1972, por Thérèse Tellegen, como relata Juliano (2006).

Nascida na Holanda e radicada no Brasil, Tellegen trouxe, de uma busca em Londres, novos recursos para o trabalho gestáltico com grupos. O seu

³ A terapia familiar experiencial surgiu da ala humanística da psicologia, tendo como característica primordial o enfoque na experiência emocional vivenciada no aqui e agora terapêutico (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

crescimento nessa área foi tamanho que no ano de 1984, resultou no livro “Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica”, no qual, como se pode perceber pelo título, os pressupostos sistêmicos se fizeram presentes, mais uma vez, na Gestalt-terapia. Vale salientar que, ainda que o enfoque não seja sobre casais e famílias, a relevância do trabalho com grupos é indiscutível para a atuação com estas populações, e deve ser tomada como referência, como aponta Salomão (*apud* TEIXEIRA; DOMINGUES, 2005).

Trazendo à luz os dias atuais, pode-se contemplar o contínuo desenvolvimento da abordagem gestáltica no contexto de relacionamentos amorosos e familiares. Em nosso país, por exemplo, existem institutos que se dedicam prioritariamente à formação, ao atendimento e ao desenvolvimento de pesquisas nesta área, como o Instituto de Gestalt-terapia e Atendimento Familiar (IGT) e o Centro de Gestalt-terapia Sandra Salomão, ambos localizados no Rio de Janeiro. Interessante pontuar que os dois centros agregam conhecimentos das terapias sistêmicas ao seu corpo teórico-prático, pelo próprio caminho percorrido na formação de seus fundadores. Vale ressaltar também a existência de outros grupos e profissionais que realizam trabalhos de referência nesse campo, tanto no próprio Rio de Janeiro, como em outros estados brasileiros – seja através de Institutos, Instituições de Ensino Superior ou de maneira autônoma.

Nesse contexto, diante da ampla presença do pensamento sistêmico revelada na Gestalt-terapia de Casal e Família, se faz coerente apresentá-la a partir de alguns dos seus principais fundamentos de ordem sistêmica.

1.2 Pressupostos Sistêmicos na Gestalt-terapia de Casal e Família

Tendo em vista a história de surgimento do trabalho gestáltico com casais e famílias, parece simples o lugar que ocupa o termo “sistêmico” nesta abordagem, o que na realidade não se configura apenas como um pensamento ingênuo, mas carente de algumas diferenciações. Primeiramente, antes de vislumbrar o atendimento para além do individual, a Gestalt-terapia apresentou em seu arsenal teórico, segundo Tellegen (1984), nada menos que os primeiros modelos sistêmicos em psicologia.

Para os que têm pouca familiaridade com a Gestalt-terapia, é importante ressaltar que o seu conhecimento veio da configuração de saberes já existentes em um novo todo, que permitiram, assim, a emergência de algo original. Essa maneira de se constituir enquanto “nova” forma de pensar e fazer psicoterapêutico teve o reconhecimento de Fritz Perls, que declarou: “Costumam me chamar de fundador da Gestalt-terapia: não é verdade! Se me chamarem de descobridor ou redescobridor da Gestalt-terapia, concordo! Pois a Gestalt é tão velha quanto o próprio mundo!” (GINGER; GINGER, 1995, p. 213).

Enfocando os modelos citados – os sistêmicos, na abordagem gestáltica – estes se referem à Psicologia da Gestalt, à Teoria de Campo e à Teoria Organísmica. Esta tríade é de fundamental importância para o corpo teórico da Gestalt-terapia e requer certa complexidade ao ser explanada, indo muito além do que será abordado aqui e agora: o que há de sistêmico nessas teorias.

A Psicologia da Gestalt – que não deve ser confundida, por sua nomenclatura, com a abordagem psicoterapêutica que é a Gestalt-terapia – nas primeiras décadas do século XX, dedicou-se ao estudo da percepção humana. Wertheimer, Kohler e Koffka, seus principais representantes, revolucionaram essa área do saber com o conhecimento de que a percepção se dá primeiramente pelo todo e não pelos elementos que o constituem – como professava o atomismo, principal teoria sobre percepção na época. Consideraram ainda que as totalidades percebidas são diferentes da soma de suas partes, e a esta totalidade deram o nome de Gestalt – que em alemão “tem o significado de uma entidade concreta, individual e característica, que existe como algo destacado e tem uma forma ou configuração como um de seus atributos.” (KOHLER *apud* FRAZÃO, 2013, p. 101-102). Isso significa que a maneira como as partes estão organizadas entre si influenciam na percepção do todo, e que qualquer alteração, por menor que seja, entre elas, influenciará na configuração total.

No que concerne a “existir em destaque” em relação à condição de ser Gestalt, os gestaltistas apresentaram o conceito de figura/fundo, enquanto organizadores do processo perceptual. Neste sentido, o que percebemos com prioridade (figura) não existe de forma independente, mas em relação a um fundo que confere contexto à figura. Logo, “figura e fundo integram o que chamamos de

Gestalt, configuração ou totalidade.” (FRAZÃO, 2013, p. 102). Trazendo ao campo prático: numa situação em que o pai leva o seu bebê para ser amamentado pela sua esposa, o seio materno, neste momento, será figura de amamentação, pois a necessidade emergente é a fome do seu filho. Já num outro contexto, agora de desejo sexual, o mesmo seio se destaca como figura erógena, enquanto que outras possibilidades, como as ligadas às funções parentais, ficam no fundo. Essa formação de figura e fundo é contínua e essencial para que o contato com o mundo e com o outro seja estabelecido, de forma a atender às demandas de crescimento humano de maneira sábia, ou seja, respeitando uma hierarquia do que é mais importante, naquele momento, para que invistamos a nossa atenção e ação.

Sobre a Teoria de Campo é sabido que apesar de Fritz Perls ter revelado sua ambição de criar uma teoria de campo unificada na psicologia, que pudesse permitir um novo olhar à dicotomia lógica, ao mecanicismo e ao modelo simplista de causalidade linear, ele não a fez sistematicamente. No entanto, apesar de não ser citado nos livros do fundador da Gestalt-terapia, Kurt Lewin, psicólogo contemporâneo e conterrâneo de Perls, já havia fundamentado uma teoria de campo psicológica, que influenciou claramente a abordagem gestáltica, e tornou-se referência para a nata de seus terapeutas contemporâneos (RODRIGUES, 2007; 2013).

Perls, Hefferline e Goodman (1997, p.42) propuseram o termo “campo organismo/ambiente”, a fim de referir-se à condição do ser humano, sob a ótica gestáltica, de estar em constante interação com o ambiente. Frisou que este todo complexo não é apenas físico, mas animal, social e histórico. Logo, ao vislumbrarmos qualquer problema psicológico, devemos fazê-lo de forma unificada, considerando todos esses fatores interdependentes do campo.

Lewin foi além: alicerçou sua teoria com conceitos, por meio dos quais o comportamento de uma pessoa pode ser compreendido em sua relação com o meio. Na equação $C = F(P, M)$, na qual “C” representa o comportamento; “F”, função; “P”, pessoa e “M”, meio, está explícita a sua lógica de que o comportamento humano nada mais é do que uma função da relação deste ser com o seu meio ambiente. Logo, pode-se pontuar, segundo Lewin, que: “(a) o comportamento deve ser derivado de uma totalidade de fatos coexistentes, (b) esses fatos coexistentes têm

caráter de um “campo dinâmico”, enquanto o estado de qualquer parte desse sistema depende de cada uma das partes do campo.” (LEWIN *apud* RODRIGUES, 2007, p. 210).

Afora essa visão sistêmica e matemática, Lewin trouxe de sua experiência perceptual como soldado, no campo de batalha, a ideia de fronteira psicológica para os processos intrapsíquicos e para os relacionamentos entre as pessoas e entre pessoas e ambiente (ZINKER, 2001). Essa noção, mais do que mostrar a interconexão dessas partes do campo através de fronteiras, trouxe também um olhar sobre as possibilidades de trocas feitas por esses “canais”, na medida em que Lewin os descreveu como macios/firmes, fluidos/rígidos, dentre outras características. Tão cara foi sua teorização sobre essas fronteiras, que cabe até questionar se esta não veio a influenciar na escolha da nomenclatura “fronteira de contato”, para este que é um conceito chave na Gestalt-terapia.

Ainda compartilhando da visão integrada do homem com o mundo, a terceira teoria sistêmica apresentada como pilar da Gestalt-terapia, a Teoria Organísmica, conferiu maior indissociabilidade e, conseqüente, interdependência às partes constitutivas do sujeito, que veio a ser chamado inicialmente de “organismo-humano”, denotando tal condição (PERLS, 2002, p. 66; PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997, p.35). Kurt Goldstein, neurologista austríaco e criador da teoria, defendeu uma atitude holística do pesquisador como referencial epistemológico. A partir da observação de que soldados com lesões físicas (cerebrais) apresentavam uma mudança em sua personalidade total, o teórico suscitou questionamentos sobre como o organismo pode ser compreendido senão por uma perspectiva holística (LIMA, 2005).

Os estudos de Goldstein (*apud* LIMA, 2005) apontaram que corpo e mente são tão integrados quanto este todo e o seu ambiente – não devendo haver supremacia de qualquer parte no organismo, sendo todas de fundamental importância para o bom funcionamento global do mesmo. Nessa perspectiva, não há sentido qualquer cisão entre corpo-mente, consciente-inconsciente, biológico-cultural, eu-mundo. Por isso, intrapsíquico e ambiente externo são termos que não cabem nessa abordagem equitativa e interacional, na qual o ser humano é percebido em relação com o mundo, afetando-o e transformando-o, ao mesmo

tempo em que é afetado e modificado por este. A este pensamento, Lima (2013, p. 151-152) acrescenta: “Holisticamente, não é correto dizer que o ser humano está inserido na natureza; ele é, em si, manifestação da natureza.”.

E os construtos teóricos de Goldstein não cessaram por aí. A respeito da manutenção da ordem do organismo, foi considerada uma lei para gerir o equilíbrio deste *holos*, frente ao desequilíbrio provocado por qualquer fator que pudesse vir a afetar uma ou mais de suas partes. A esta lei de funcionamento, que afirma a tendência de reorganização espontânea do todo, se deu o nome de autorregulação organísmica.

Um organismo é governado pela tendência a atualizar, tanto quanto possível, suas capacidades individuais, sua “natureza” no mundo. Essa natureza é o que podemos chamar de constituição psicossomática. Essa tendência a autorrealizar sua natureza, a atualizar a “si mesmo”, é o impulso básico, a única motivação pela qual a vida do organismo é determinada (GOLDSTEIN *apud* LIMA, 2013, p. 150).

Fritz se refere a esse impulso autorregulador, processo homeostático, e o define como “aquele pelo qual o organismo mantém seu equilíbrio e, conseqüentemente, sua saúde sob condições diversas. A homeostase é, portanto, o processo através do qual o organismo satisfaz suas necessidades.” (PERLS, 1988, p. 20). Essas necessidades podem ser de qualquer ordem: fisiológica, psicológica, social, dentre outras, e todas, ao serem atendidas, garantem, além da sobrevivência do indivíduo, o seu crescimento e auto realização.

Diante do que foi exposto, torna-se evidente como a Gestalt-terapia é uma abordagem que engloba o pensamento sistêmico em sua totalidade, antes e independentemente de seu encontro histórico com as terapias familiares desta ordem. No entanto, a herança advinda das abordagens familiares sistêmicas não ficou restrita às trocas de experiências com terapeutas de referência, mas incluiu o diálogo com a Teoria Geral dos Sistemas, de Ludwig von Bertalanffy – teoria que fundamenta essas abordagens.

Com o desenvolvimento dessa teoria na década de 1940, esse biólogo austríaco almejou construir uma ciência da totalidade que contemplasse a descrição das características e regras de funcionamento dos sistemas complexos. Para alcançar este fim, seu desejo foi utilizar conceitos próprios, sem ter que recorrer a analogias ou a conceitos de outras áreas do conhecimento. Tellegen (1984) justifica tal atitude como sendo preventiva, visto que o intercâmbio conceitual interdisciplinar pode levar à inadequação ideológica e, conseqüente, distorção do sentido pretendido.

“A noção de sistema vem substituir a noção preliminar de *Gestalten* em Física – referindo-se amplamente a qualquer unidade em que *o todo é mais do que a soma das partes*” (VASCONCELLOS, 2002, p. 199). Percebe-se então, que desde o seu conceito primordial, a Teoria Geral dos Sistemas apresentou um paralelo com a Gestalt-terapia. Logo, independentemente da pluralidade de nomes - sistema, *Gestalt*, *holos* - existem pontos similares entre a referida teoria e a abordagem gestáltica: integração, interdependência, intercâmbio.

Sem a intenção de aprofundar na discussão sobre os pontos de convergência, ou divergência entre os construtos da Teoria Geral dos Sistemas e a Gestalt-terapia – que variam bastante na literatura de referência (TELLEGEN, 1984; LYNCH *et. col.*, 2005; ZINKER, 2001; SILVEIRA, 2005), vale destacar que as ideias de Bertalanffy sobre sistemas são equivalentes aos conceitos de Lewin sobre campo psicológico. E com esses e demais conceitos que contemplam o vocabulário gestático, será apresentado, a seguir, o corpo teórico/prático sobre casal e família em Gestalt-terapia.

1.3 A Visão Gestáltica de Casal e Família: Percorrendo as Fronteiras dos Relacionamentos Íntimos

Herdeira do pensamento humanista, que visa ultrapassar qualquer categorização do sujeito, a singularidade apresenta-se como sendo o ponto de partida primordial do olhar gestático para um casal, uma família ou qualquer grupo que mantenha laços de intimidade. Sendo assim, construções generalistas sobre

relacionamentos, que os determine com teorias apriorísticas lineares de causa e efeito, típicas da ciência tradicional, não são coerentes com a abordagem gestáltica.

Portanto, todos os estudos temáticos em Gestalt-terapia, seja sobre aspectos da conjugalidade ou determinados ciclos de vida de uma família, são profícuos desde que sejam utilizados de maneira heurística no processo psicoterapêutico. A consideração do campo existencial dos sujeitos faz-se fundamental para evitar posturas reducionistas, que vão à contramão do princípio básico dessa abordagem. A esse respeito, sobre os construtos teóricos acerca das etapas do desenvolvimento individual, Aguiar (2014, p. 49) acorda: “Entendemos então que a Gestalt-terapia traz, no bojo de sua teoria, uma crítica às concepções de desenvolvimento que reduzem, determinam e naturalizam os seres humanos.”.

Isso não significa que o gestalt-terapeuta não valora nenhuma informação sobre o que há de parecido entre as pessoas, mas enfatiza que o olhar sobre elas não deve se limitar a tais similaridades. Estas, por sua vez, devem sempre ser percebidas enquanto partes relacionadas ao todo integrado “organismo-ambiente”. Em outras palavras, mesmo no que se apresenta como comum, haverá sempre uma particularidade do ponto de vista da experiência subjetiva de quem vive.

O que se tem então é uma compreensão sobre o modo de ser no mundo com o outro, no momento em que estabelecemos com este outro, um tipo de relação próxima caracterizada pela intimidade. Quando a continuidade é marca deste fenômeno relacional, que é a intimidade, Zinker (2001) o denomina de sistema íntimo. Além de toda a ideia de totalidade, de interatividade entre as partes e da tendência à manutenção do equilíbrio que o termo “sistema” traz, existe uma função prática em seu uso. Ao falar em um sistema familiar, por exemplo, dá-se um limite, uma espécie de contorno às pessoas que fazem parte dessa família. Mais especificamente, nesse próprio sistema pode-se traçar uma delimitação em torno dos membros que mantêm uma relação conjugal, criando um subsistema conjugal; Ou ainda dos irmãos, formando o subsistema fraternal, e assim por diante.

Os relacionamentos não são arbitrários. Para perceber o sentido dos relacionamentos complexos, temos de designar limites ao redor das coisas, dos fenômenos ou dos eventos. Quando olhamos para o céu escuro numa noite clara, ele está cheio de estrelas. É um panorama ilimitado. Mas ele não permanece ilimitado porque logo você organiza

sua visão, seu assombro, com conceitos. Você diz: “Lá esta a Ursa Maior” (ZINKER, 2001, p. 68).

Com esta metáfora, o autor enfatiza a utilidade de olhar delineando sistemas, o que na realidade é uma aplicação simbólica e prática para que se perceba como se dá uma forma específica de relacionamento, num dado momento, considerando-o figura/parte eleita contra um fundo/todo repleto de outros infinitos possíveis modos interativos. Portanto, assim como os relacionamentos, os sistemas são dinâmicos, mudam de acordo com o movimento daqueles que os compõem, podendo alterar fluidamente sua configuração.

Ainda na perspectiva de Zinker (2001), cada subsistema ou sistema possui fronteiras, que são espaços igualmente imateriais, em que ocorrem as trocas da interatividade pulsante de seus membros. Como os termos que ele utiliza – sistema e fronteira - vieram da Teoria de Campo de Lewin, e assim como este fez, as fronteiras foram classificadas entre as polaridades fluidez/flexibilidade e densidade/rigidez. Diante dessas opções extremas e do *continuum* de possibilidades existentes entre elas, namorados, amantes, pais ou filhos, estabelecem infindáveis tipos de contato.

Partindo para um viés mais contemporâneo da teoria da Gestalt-terapia sobre casais e famílias, encontram-se descrições sobre esses grupos como sendo fronteiras conjugais e fronteiras familiares (SILVEIRA, 2005); e ainda, o termo totalidades autorreguladas, escolhido por Aguiar (2014) para explanar sua compreensão sobre família. Ambas as autoras compartilham o uso do conceito de fronteira de contato de Perls, Hefferline e Goodman (1997), que apesar de ter como ponto de partida original o pensamento Lewiniano, assim como o conceito de fronteira sistêmica de Zinker (2001), difere sutilmente deste em sua apresentação.

Quando dizemos fronteira pensamos em uma “fronteira entre”; mas a fronteira-de-contato [...] não *separa* o organismo e seu ambiente; em vez disso limita o organismo, o contém e protege, *ao mesmo tempo* que contata o ambiente (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 43).

Ou seja, a fronteira de contato consiste num contínuo processo de contato e afastamento, que, por sua vez, é o próprio contato: processo básico de toda relação. É nesse “lugar” que as trocas ocorrem e que acontecem as experiências, e é por isso que em Gestalt-terapia se diz que “[...] experiência é essencialmente contato, o funcionar da fronteira entre o organismo e seu ambiente” (*Op. cit.*, p. 43).

Sob essa ótica, a fronteira de contato só existe enquanto possibilidade de vir a ser no encontro, não sendo uma realidade dada, concreta. Logo, ela só pode ser no momento presente, no aqui-e-agora, não sendo necessariamente imprescindível falar em continuidade, como Zinker (2001) fez, para considerarmos uma relação como sendo “sistema íntimo”, “fronteira conjugal” ou “totalidade autorregulada”.

Essa plasticidade de “formação” e “destruição” de fronteira garante que a Gestalt-terapia, com seus sessenta e poucos anos, se mantenha atualizada e coerente com os diversos devires que essa área de relacionamentos tem trazido ao longo do tempo. A efemeridade com que os variados tipos de encontros amorosos se apresentam nos dias atuais - fenômeno o qual Bauman (2004) dá o nome de “amor líquido” – é um ótimo exemplo disso.

Obviamente, os laços familiares, mesmo em tempos pós-modernos, tendem a ter maior continuidade; apesar de o cenário hoje também trazer tamanha pluralidade de arranjos possíveis para as famílias, que, não raro, se veem desafiadas a, repentinamente, terem que se lançar em inesperadas fronteiras de trocas. São novos irmãos que chegam à convivência, através da atual esposa do papai; crianças que são adotadas por casais homoparentais, sendo incluídas nessa forma de família, há pouco tempo, legalizada; casais que ampliam suas fronteiras afetivas em grupos de poliamor, levando este modo de se relacionar para o seio de suas famílias, dentre outras incontáveis eventualidades.

Outro papel, proporcionado pela fronteira de contato, é o de manter os que se relacionam diferenciados. Apesar de os pares e grupos serem considerados por esta abordagem como uma totalidade organizada, sabe-se que esta classificação tem apenas o intuito de enfatizar a ideia de que as partes precisam estar em constante relação para o todo existir. O que não significa que elas estejam

completamente fundidas umas nas outras. Pelo contrário, para que exista troca, é necessário um mínimo de distinção entre cada uma delas.

1.3.1 Contatando: Selves que se “tocam”

Partindo de dois pressupostos que vêm sendo construídos ao longo deste capítulo – a visão de ser humano gestáltica como um campo organismo-ambiente, que se encontra em constante estado de interação com o meio, onde se incluem os outros; e os sistemas ou totalidades autorreguladas enquanto organizações interativas, nas quais duas ou mais pessoas estabelecem tipos específicos de relacionamentos, através da fronteira de contato – pôde-se chegar à pedra angular da Gestalt-terapia, tanto individual, como da esfera amorosa e familiar: o contato.

Considerada “a realidade mais simples e primeira” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 41), estar em contato é condição para que se estabeleça qualquer canal de troca com o outro.

Sem entrar no mérito da vida intrauterina, partindo do momento do nascimento, o bebê já precisa e se coloca em contato com o mundo para sobreviver. O que o motiva, mesmo ainda sem ter consciência disso, é a necessidade. Ao sentir fome, em linguagem gestáltica, se diz que uma figura emerge ou uma gestalt se abre e o bebê então, se move – através do choro, inclinação ao seio, dentre outras formas possíveis – em busca de satisfazer esta figura/fechar essa gestalt. Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 44) esclarecem que o objeto de contato selecionado sempre carrega em si o novo.

Por exemplo, o alimento, como Aristóteles costuma dizer, é o “dessemelhante” que pode se tornar “semelhante”; e no processo de assimilação o organismo é sucessivamente modificado. Primordialmente, o contato é *awareness* da novidade assimilável e comportamento com relação a esta; e rejeição da novidade inassimilável. O que é difuso, sempre o mesmo ou indiferente, não é um objeto de contato.

Ou seja, o contato é o “dar-se conta” de algo inédito e que deve ser alcançado, e é também ação em direção a assimilar dessa novidade o que é útil e descartar o que não é de serventia. Logo, contato é processo. E é nesse processo de assimilação/rejeição que o organismo-humano se compõe enquanto tal, afinal quando algo é assimilado pelo ser, passa a fazer parte de sua existência. Por isso, o ser humano em sua condição relacional, transforma o outro ao mesmo tempo em que se constrói, através do contato.

No tocante a esse assunto, Ribeiro (1998, p. 30) afirma: “Somos, pois, inelutavelmente, seres-em-relação: crescemos, nos desenvolvemos, nos constituímos e nos formamos nela. “Somos os ajustes, a integração criativa de nossas idiossincrasias em confronto com as forças e possibilidades externas”. Desse modo, desde a mais tenra idade, os relacionamentos possuem o papel fundamental de formadores de nossa identidade. Logo, somos como somos devido ao que assimilamos de nossas experiências de contato com o meio, ao longo da vida. O que não exclui partes que nos foram herdadas, mas, até mesmo estas, encontram-se em interação com fatores ambientais.

É claro que o fato de a capacidade de nos transformarmos na relação, faz com que não sejamos determinados, ou ainda, “condenados” a viver em resposta a relacionamentos antigos. Pelo contrário, somos capazes, em qualquer momento e idade, de ser diferente; de respondermos de forma autêntica frente às novidades que encontramos ao longo de nossa jornada. Isso não quer dizer que não existam padrões de comportamento, inclusive não conscientes, comumente reconhecidos como “marcas” pessoais, de tanto que os repetimos em nossa forma de agir. Mas a partir do momento em que nos conscientizamos desses padrões, assumimos, no mínimo, a responsabilidade por poder fazer diferente.

Esse pensamento pode ser mais bem compreendido através da conceituação gestáltica de *self*. Távora (2014) aborda esse tema com a complexidade e atenção que merece, primeiramente pela dificuldade de tradução deste termo de língua inglesa para o português. Não existe uma equivalência semântica. *Self* em Gestalt-terapia não tem o sentido de “a personalidade de alguém; a natureza-base de alguém” (OXFORD, *apud* TÁVORA, 2014, p.64); tampouco possui o sentido comum de “si mesmo”. Além disso, para falar em *self* e

não cair no erro ideológico de substantivá-lo, através de terminologias do tipo “o” *self* – como ocorreu com Perls, Hefferline e Goodman (1997), contradizendo a própria ideia integrativa de não compartimentalização do sujeito por eles apresentada – um cuidado para além do conceito é requerido: um cuidado linguístico.

Nessa direção, ao buscar rever a forma com que *self* e suas funções foram teorizadas, ao longo da abordagem gestáltica, a fim de oferecer um olhar mais consistente e coerente com os pressupostos fenomenológicos da Gestalt-terapia, Távora (2014, p.72) descreve *self* como: “fenômeno que emerge no processo de contato”. Logo, *self* não pode ser entendido como o “eu”, como uma entidade; algo que ocorre dentro do sujeito ou no ambiente externo. Até porque “dentro” e “fora” não passam de meras abstrações do ponto de vista gestáltico. *Self* é, portanto, um fenômeno de campo; e como tal, possui um aspecto temporal. Dessa maneira, “não é conhecido de antemão, mas revelado, descoberto e construído no processo de exploração dos contatos, encontros e conflitos.” (*Op. Cit.*, p. 76).

A partir dessa perspectiva, considerando-se os limites e paradoxos das teorizações iniciais, mas também a relevância didática, desde que em nível de abstração, as funções “do” *self* serão descritas através de Perls, Hefferline e Goodman (1997). Denominadas pelos autores de “função id”, “função ego” e “função personalidade”, esses modos de se apresentar “do” *self* atuam em intensidades que oscilam de acordo com as quatro etapas do processo de contato: a do pré-contato, contato ou estabelecimento do contato, contato final e pós-contato. Essas fases, sequenciais e intermitentes, compõem uma das visões do conhecido “ciclo do contato” em Gestalt-terapia.

O pré-contato é caracterizado pela formação de “figuras” que despertam um conjunto de sensações fisiológicas, como as necessidades, os desejos e impulsos. O “fundo” é representado pelo corpo. “O” *self* funciona no modo “id” para atender essas necessidades internas (considerando a pele enquanto o sistema fronteiro entre corpo, “interno”, e ambiente, “externo”). Na respiração, por exemplo, pode-se dizer que é “o” id que está em ação. “O id então surge como sendo passivo, disperso e irracional; seus conteúdos são alucinatórios, e o corpo se agiganta enormemente” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 186). Isso porque a orientação sensorial deliberada e a manipulação motora estão em suspensão, o que confere uma amplitude proprioceptiva ao corpo. Nesse momento, “o” *self* encontra-se num estado de relaxamento, de descanso, numa condição de potencialidade que

se tornará iminente frente a uma possível excitação. As partes que compõem o campo organismo-ambiente se encontram em equilíbrio, conferindo-lhes uma integridade total.

Na fase de estabelecimento do contato, inicia-se um processo de emergência de uma figura nítida no campo, que estimula o organismo em sua direção. A outrora excitação sentida em seu corpo passa de maneira progressiva ao fundo de sua experiência. A função “ego” “do” *self* entra em ação, permitindo que o sujeito atue de forma voluntária e decidida. Ele escolhe como, e se vai ou não agir frente a uma situação para alcançar seus desejos e necessidades. Para isso ele precisa estar consciente desta, bem como dele mesmo. “A consciência é deliberada, de modo ativo, sensorialmente alerta e motoricamente agressiva, e consciente de si própria como estando isolada da situação” (*Op. cit.*, p. 185). O organismo se sente como se estivesse destacado do campo do qual faz parte, como transcendendo a este.

O contato final é o objetivo do processo de contato, que é alcançado no momento em que o organismo-humano-animal e a figura se encontram, de forma indiferenciada, pela junção da fronteira de contato. Ambiente e sujeito confluem; figura e fundo formam uma unidade. “O” *self* ainda funciona no modo “ego”, porém de maneira mais relaxada, vivenciando o contato com a experiência.

Por fim, o pós-contato consiste na consequência do movimento de contato. A experiência é assimilada e integrada, o que gera crescimento. A função “do” *self* atuante é a “personalidade”, que diz respeito à autoimagem. “A experiência vivida é metabolizada, semiotizada, transforma-se em palavras, representações, toma seu lugar no que está presente do “já vivido”, estabilizada pela função personalidade do *self* que gera a representação de “quem eu sou”” (ROBINE, 2006, p. 66). É essa função que permite que o sujeito se reconheça responsável pelos seus sentimentos e atitudes, e que lhe assegure sua noção de identidade. A consciência vai diminuindo de forma progressiva, num retorno do psicológico ao fisiológico. O ciclo do contato se completa.

Essa descrição do ciclo de contato nos coloca, portanto, inexoravelmente, com a própria descrição do ciclo da vida. Como nascemos no seio de uma família - independentemente de sua configuração estrutural, mas no sentido da função de criação a ela delegada – será nos momentos de “toques” entre se/ves familiares que,

primordialmente, nos nutriremos do essencial à nossa existência. E ainda, ensaiaremos “como” alcançar o que é necessário, o que é de nosso desejo; e também “como” não aceitar o que nos é estranho, incômodo ou impróprio. Ora nos encontrando com maestria e graça, construindo relações; ora, de maneira frustrante e destrutiva, sem a mínima habilidade.

E ao adentrarmos no palco dos relacionamentos amorosos, levaremos essa bagagem, que pode nos servir de modelo ou não, conscientemente ou não, para o sucesso ou insucesso desse tipo de convívio. Considerada uma das mais desafiadoras e prazerosas formas de contatar - seja por motivações eróticas, românticas ou de qualquer outra ordem – o “entrelaçamento” entre *selves* na esfera do amor, pode consistir numa profunda fonte de prazer, mudanças e amadurecimento.

Claro, que tanto nas fronteiras da família quanto das relações com quem escolhemos nos vincular (incluem-se aqui as amizades), os conflitos e desestabilizações no processo de contato são inevitáveis. Assim é o curso vital, como já dizia, com sensibilidade, o poeta Vinícius de Moraes (1967): “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”. E para sermos esmeros artistas frente às instabilidades, precisamos ser capazes de nos “ajustar criativamente”.

1.3.2 Ajustamento Criativo e *Awareness*: Um Olhar para a Gestalt-terapia de Casal e Família com base na Psicopatologia

Ajustamento criativo é o termo gestáltico que se refere, ao mesmo tempo, ao meio e ao objetivo a ser alcançado no ciclo do contato. Ajustar-se criativamente significa “ser capaz de um reposicionamento singular, diferente e pessoal do tradicional, recriando-o” (CARDELLA, 2014, p.114).

Logo, o ajustamento criativo confere a nós, humanos, a competência em responder ao novo, elemento do contato, de forma original. Imaginemos um casal que consegue se relacionar com harmonia, percebendo um ao outro como eles se

mostram. Isso requer uma forte presença, no sentido mesmo de estar presente, no aqui-e-agora, um com o outro, num contato pleno de consciência dos elementos da fronteira do encontro (o que permite diferenciar o que é de um e o que é do outro). Esse casal possui elementos fundamentais para manter um bom ajustamento criativo na relação, lidando com coerência na medida em que surgem situações inusitadas.

Para ficar mais claro, pensemos num polo oposto: um casal que frequentemente está conectado a questões do passado ou a preocupações futuras. Neste caso, com pouca qualidade de presença e, conseqüentemente, com a consciência do contato presente comprometida, facilmente perceberão e responderão um ao outro de forma velha ou precipitada, ambas inadequadas. Ao invés de levarem para o contato com o novo, experimentado na relação, novidade, trarão padrões antigos - geralmente de situações passadas que não tiveram uma solução eficaz (gestalten abertas/ figuras inacabadas) ou ainda ligados à ansiedade da conexão com o futuro.

Nesse caso, a figura não é atendida de maneira apropriada. Como solução, o sujeito a transforma com a finalidade de manter o equilíbrio relacional: ocorre o ajustamento criativo da forma que foi possível, naquele momento, para o bem estar da relação. Porém, se esse ajustamento persistir além do necessário, desloca-se no tempo e no espaço. A pessoa passa a responder às novidades seguintes de forma repetitiva e, portanto, obsoleta. O comportamento fica engessado e o fluxo vital, caracterizado pelas formações sucessivas de figuras dominantes, é interrompido – resultando numa cristalização do ajustamento criador.

Portanto, frente aos exemplos antagônicos apresentados, pode-se afirmar que:

o ajustamento criativo relaciona-se com a dialética de continuidade e mudança, com inserção estrutural do novo no velho para formar com ele uma nova configuração. A mobilidade estrutural do todo é a base da criatividade, enquanto a cristalização estrutural é a fixidez do passado no presente. (CARDELLA, 2014, p.115)

Assim sendo, a forma como o ajustamento criativo é gerado, pode levar tanto à manutenção de relacionamentos saudáveis, como a crises e adoecimentos nas fronteiras íntimas. O limite entre o ajustamento saudável e o não saudável é tênue, tem caráter subjetivo e, como não poderia ser diferente, interpessoal. Ocorre um mal estar na relação entre pais, filhos, cônjuges, e é geralmente esse desconforto que leva essas pessoas à terapia. No olhar do gestalt-terapeuta, evidencia-se um sintoma: um padrão que se repete, gerando sofrimento, em denúncia a *gestalten* incompletas que procuram por fechamento.

Perls (1988) denomina neurose o estado de adoecimento do sujeito que interrompe a si no processo de contato, através da cristalização do ajustamento criativo. E descreve os modos patológicos de ser neurótico como “distúrbios de limite” (p.45), tendo em vista a confusão que se apresenta, nessas situações, entre si e o outro. Tellegen (1984) fala em “distúrbios de contato” (p.49), e coloca que as perturbações de discriminação e de ritmo nos movimentos de aproximação e retraimento da fronteira de contato, podem ocorrer por excesso de rigidez ou permeabilidade, neste espaço de troca. Considerando então, em concordância com Silveira (2005), que a constante indiferenciação caracteriza os relacionamentos doentios e que estes são bastante comuns nos relacionamentos conjugais e familiares, apresenta-se a “Oração da Gestalt-terapia” (PERLS, 1977, p 17) como possível pré-dica para um relacionar-se saudável.

Oração da Gestalt-terapia

Eu faço minhas coisas, você faz as suas

Não estou neste mundo para viver de acordo com suas expectativas

E você não está neste mundo para viver de acordo com as minhas

Você é você, e eu sou eu

E se por acaso nos encontrarmos, é lindo

Se não, nada há a fazer

E que assim sejam as relações. Permeadas por fronteiras claras, nas quais as pessoas possam ser autênticas umas com as outras. Que elas possam ser como desejam ser, usufruindo de toda sua capacidade criadora. E que os encontros e as permanências com o outro sejam orientados por escolhas autônomas. Belas escolhas, sem as quais os relacionamentos não teriam sentido de existir.

Obviamente que falar em autenticidade, implica em boa capacidade de diferenciação; que autonomia requer independência, que por sua vez, demanda responsabilidade. E que todos esses fatores, precisam de algo em comum: autoconsciência. Claro, não podemos ser originais sem saber o que temos de singular e diferente dos demais; muito menos, nos responsabilizar por atitudes que nem, ao menos, nos damos conta que adotamos. Seria como pecar sem saber que é pecado. Logo, indispensável para a realização de ajustamentos criativos saudáveis, reconhece-se na Gestalt-terapia, a importância de um tipo de tomada de consciência plena: a *awareness*.

Descrita por Robine (2006, p.73) como “conhecimento imediato e implícito do campo”, estar *aware* pode ser entendido como um estado de apropriação da experiência presente. De acordo com esse pensamento, o casal Ginger (1995, p. 254) o ratifica e acresce, afirmando que *awareness* é a “tomada de consciência global no momento presente, atenção ao conjunto de percepção pessoal, corporal e emocional, interior e ambiental, consciência de si e consciência perceptiva”. Ou seja, *awareness* é um tipo de consciência organísmica, que viabiliza a percepção de como o fluxo da existência está sendo impedido – seja pela cristalização do ajustamento criativo ou por qualquer outro fenômeno de interrupção do ciclo de contato.

A respeito das possíveis maneiras de impedimento do esperado desdobramento do *self*, (ou do processo de contato, ou do ajustamento criativo, ou da *awareness*), foram elaboradas teorizações na abordagem gestáltica. Mais comumente citadas como “resistências” (GINGER; GINGER, 1995; POLSTER; POLSTER, 2001; ZINKER, 2001), ou mecanismos de resistência/adaptação, projeções, introjeções, deflexões, confluências, dentre outros, interferem defensivamente no fenômeno da percepção, podendo levar à saúde ou ao adoecimento.

O mecanismo de projeção consiste no ato de transferir para o outro o que de fato é seu. Polster e Polster (2001, p. 93) descrevem, sobre o sujeito quando projeta, que ocorre uma “cisão clássica entre suas características reais e o que ele tem consciência a respeito delas” (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 93). Ou seja, a pessoa realmente perde a noção do que diz respeito a si mesmo, e ao mesmo tempo em que essa falta de consciência está estabelecida, há a certeza de que o que foi “esquecido” como sendo próprio de sua identidade faz parte do outro.

Quando um filho que é geralmente amável e carinhoso se considera incapaz de agir de forma rude, critica o seu pai por estar sendo grosseiro e desagradável; pode estar dando sinais de que, na realidade, sente-se não querido, naquele momento, por estar sendo, ele mesmo, indelicado. “O” *self*, na fronteira de contato, lança no outro o que é seu, se isentando de sua responsabilidade desse modo de ser. Zinker (2001) descreve os casais e famílias que se utilizam desse mecanismo com frequência como dessincronizados. Percebe uma falta no ritmo entre os que projetam – pedem pressa – e os que recebem a projeção – são mais lentos. A projeção, neste caso, assume a função de tentar antecipar o outro. Típico daqueles pais ou cônjuges que respondem no lugar dos filhos e parceiros, julgando saber o que será respondido. “O que você gosta de fazer?” – pergunta o gestalt-terapeuta ao filho – “Ah, ela adora brincar, assistir filmes...” – responde a mãe. Seria um possível diálogo com sinais de possíveis padrões projetivos.

Vale ressaltar que é comum, e até útil, que a avaliação do que alguém está sentindo ou pensando seja feita com referência também no jeito de ser de quem está avaliando. Afinal, enquanto seres de contato não é possível nem tem sentido buscar uma distinção total na relação. Porém, esse julgamento só é saudável enquanto permanece apenas como uma hipótese. Se feito de forma rígida, sentido como uma interpretação certa do que está se passando com o outro, fala-se em projeção neurótica. A paranóia é um exemplo de projeção patológica, referida por Perls (2002) como o caso em que esse mecanismo ocorre no seu grau mais extremo. A pessoa é tomada por sentimentos violentos, que geram o desejo de perseguir os outros e, ao se projetar, sente-se olhada, avaliada e criticada, como se estivesse sendo perseguida a todo tempo.

Por outro lado, numa possibilidade saudável e comum, na fase de enamoramento, a projeção se faz presente entre os amantes que encontram boas identificações com o outro. “É impressionante como somos parecidos e gostamos das mesmas coisas!”, expressam os amantes. Obviamente, que ao longo da relação, essas projeções que foram úteis para a aproximação, tendem a dar lugar a uma adaptação mais coerente com as reais características de cada membro da relação.

A introjeção, por sua vez, ocorre quando ao entrar em contato com o material que lhe é provido pelo meio, como os valores éticos e morais, os conceitos, fatos, padrões ideais de comportamento, dentre outros, o sujeito os incorpora ao seu modo de ser, sem questioná-los, avaliá-los ou criticá-los – em síntese: sem assimilá-los. No nível da fronteira de contato, há uma invasão no organismo pelo que é do ambiente, e de forma oposta à projeção, a pessoa confunde o que é do outro como sendo seu.

O indivíduo que se utiliza desse mecanismo, de acordo com Ribeiro (1998), faz isso por temer a agressividade dos outros, ou por acreditar que os outros sabem o que é melhor para ele mesmo. Isso é muito comum na infância, quando as crianças aderem às regras impostas pelos seus pais. Nesse caso, sabe-se que a introjeção é muitas vezes adequada e fundamental para o processo de aprendizagem, pois existem normas que são básicas para que se tenha um desenvolvimento saudável. Porém, esse mecanismo pode ser bastante prejudicial, na medida em que uma pessoa que o utiliza em excesso perde a noção de suas próprias vontades e desejos; daquilo que faz parte de seu ser, e passa a existir de maneira inautêntica, sendo facilmente manipulada. Outro exemplo de introjeção patológica pode ocorrer quando a pessoa introjeta dois valores que são incompatíveis entre si, passando a vivenciar um angustiante conflito diante da dúvida sobre qual deve adotar como correto (PERLS, 1988).

Desta forma, para que a adesão do que é do outro seja enriquecedora por quem adere, é necessário que ocorra, ao invés de introjeção, assimilação psíquica. Esta é explicitada por Perls (1988) através de uma analogia com o processo fisiológico de ingestão de alimentos. Ele coloca que a comida precisa ser mastigada e desestruturada antes de ser engolida, para que a digestão seja feita de maneira satisfatória. Assim sendo, as pequenas partículas - do que antes era um alimento

proveniente do meio externo - que forem identificadas como nutritivas pelo organismo são por ele assimiladas e passam a fazer parte de sua constituição. Ao mesmo tempo em que o que é considerado nocivo ao organismo é excretado pelo corpo através das fezes. Porém, quando a pessoa tem que comer, mesmo que contra a sua vontade, e engole o alimento por inteiro, ele se aloja como um corpo estranho, de maneira desconfortável no estômago e gera uma sensação de mal estar que pode resultar na sua expulsão através do vômito, numa digestão dolorosa, ou até em prejuízos à saúde do sujeito.

Já o mecanismo de deflexão, consiste, de acordo com Polster e Polster (2001, p. 103), numa forma de evitar o contato direto através da utilização de uma manobra de fuga do calor do contato real implicado em determinadas ocasiões. “Existem situações naturalmente quentes demais para se lidar com elas, e das quais as pessoas precisam se afastar”. Falar em rodeios ao invés de falar diretamente, não olhar para a pessoa com quem se está conversando, ser demasiado polido ao expressar-se, utilizar uma fala estereotipada ao invés da original, demonstrar emoções brandas quando o que se sente é intenso, desconsiderar a importância de algo que lhe foi dito, são exemplos de modos de defletir.

Este mecanismo pode ser bastante útil para a preservação dos relacionamentos sociais, assim como do bem estar do indivíduo. Um exemplo disso é quando o marido, num momento de raiva, consegue manter-se contido, ao “não perceber” o que está acontecendo, ao invés de ter uma atitude explosiva que poderia lhe trazer prejuízos na relação com sua esposa. Ainda, diante de uma notícia potencialmente traumática, como a morte repentina de alguém amado, a deflexão momentânea pode ser essencial para que a pessoa não entre em choque e possa assimilar a notícia num ritmo suportável. Porém, quando uma pessoa passa a recorrer frequentemente a esse tipo de resistência, o problema se estabelece.

Ao evitar o contato com figuras indesejadas, a satisfação das mesmas torna-se inatingível. Se a morte do ente querido não é encarada, após o “suportável”, haverá um bloqueio para o processo de luto e elaboração da perda, subsequentes. Ou seja, o problema continuará em aberto e naturalmente, pedirá por fechamento. Além disso, alguém que recorre excessivamente a esse mecanismo, sente-se

frequentemente mal compreendido ao tentar expressar-se, pois ao não atingir explicitamente o outro, não é percebido por este de forma plena (RIBEIRO, 1998).

Por fim, a confluência ocorre no momento de junção no processo de contato, em que não há diferenciação entre os corpos que se tocam. “É um estado de não-contato, de fusão por ausência de fronteira de contato. O self não pode ser identificado” [grifos da autora] (GINGER; GINGER, 1995, p. 133). Assim, esse mecanismo possibilita as trocas que nutrem o ser e o seu meio, e que são necessárias ao crescimento de ambos. Os bebês, por exemplo, vivem num estado natural e saudável de confluência com suas mães, pois ainda não possuem o sentido de distinção desenvolvido. Não sabem o que é seu e o que é do outro. São como uma extensão do corpo materno (PERLS, 1988).

Entretanto, tendo-se em vista que logo após o momento de união do processo de contato, deve haver uma retração entre as fronteiras, quando a confluência se torna crônica o funcionamento do sujeito é qualificado como não saudável. Qualquer relacionamento legítimo é impedido visto que este implica no reconhecimento das diferenças existentes entre as pessoas que interagem. Um casal de namorados em que cada um anula a sua singularidade para viver juntos é uma maneira comum de confluir. Na tentativa de evitar qualquer conflito que possa desestabilizar a sua união, firmam um pacto de semelhança e passam a concordar em todos os aspectos. Gostos, vontades, projetos, hábitos, todos convergem para a igualdade. Não existe lugar para o “eu” na relação, apenas o “nós” é operante. Porém, a fragilidade pode-se instalar no namoro, visto que “do mesmo modo como dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço no mesmo momento, dois indivíduos não podem ter exatamente a mesma mente” (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 105). Mas quem sabe outra possibilidade não possa estar justamente no polo oposto à falência da relação? Que a força desta permaneça enquanto habilmente o casal se ajuste a evitar a ameaça da diferença? Afinal, como foram apresentados, todos os mecanismos de resistência/adaptação tanto podem ser úteis para a saúde, como levar ao adoecimento do ser-em-relação.

Para além das possíveis formas de se ajustar neuroticamente, vale destacar que se faz presente na literatura da Gestalt-terapia, referência sobre outros modos de ajustamento criativo. Os ajustamentos psicóticos, apesar de não terem

sido privilegiados por Perls, fazem parte da experiência de alguns gestalt-terapeutas que fundamentaram sua clínica com a teoria gestáltica. No Brasil, Buarque (2007), psiquiatra e gestalt-terapeuta pernambucano, é um exemplo de referência nesse sentido. Seu pioneirismo no campo teórico/prático das psicoses contribuiu para o crescimento da abordagem em questão, servindo de suporte e inspiração para os profissionais da área. Como para o casal Muller-Granzotto (2008), que expandiu esse conhecimento, criando novas propostas de leitura na clínica dos ajustamentos psicóticos.

E afora os ajustamentos neuróticos e psicóticos, que carregam o jargão da psiquiatria clássica, infinitos outros modos de se ajustar, independentemente de terem um nome, são caros ao olhar de quem pensa e faz gestalt-terapia. Autoras como Pimentel (2012); Silveira (2012); Vale (2011) e Cardella (2009), discorrem sobre como casais e/ou famílias são capazes de se regular frente a diferenças de gênero; de valores; de expectativas; de estilos de ser e de se comunicar, dentre outros fatores que podem trazer estresse e conflito para as relações.

“Vejo, estarecida, a anulação de um dos parceiros, o prazer de ver o outro submetido e as agressões físicas. Outro aspecto que me chama a atenção são as queixas de verdadeiros estupros na vida sexual do par. Parece incrível que um acontecimento que traz em si tanto prazer, como a atividade sexual, pode ser também um evento que envolve a mais dura violação. Essas e muitas outras situações conduzem-me a pensar sobre o que acontece com pessoas que antes eram tão apaixonadas e hoje se comem vivas”. (SILVEIRA, 2012, p. 62)

Nesse relato, a autora descreve comportamentos que possuem a função de manter casais juntos, unindo-os nas diferenças, por meio de perigosos ajustamentos criativos violentos. Ou seja, sem importar como e o que somos capazes de fazer para viver em companhia, bem ou mal intencionados, conscientes ou sem *awareness*, podemos, em nossas tentativas, caminhar para o crescimento ou fracasso. Percorrendo trajetos semelhantes, com as mesmas pessoas, fazendo uso repetido de certas resistências, podemos ter sucesso ou adoecer, entrando ou não em contato.

1.4 A Gestalt-terapia de Casal e Família em Ação

Ao receber um casal ou uma família em seu consultório, o gestalt-terapeuta logo estabelecerá um contato voltado ao “como” na relação. Isso significa que a forma como as pessoas chegam, como elas cumprimentam-no, como interagem entre si, como se sentam, como olham, escutam, tocam, falam – com que tom de voz, com quem, em que ordem – dentre inúmeros outros estímulos aos sentidos atentos do terapeuta, serão colocados em primeiro plano.

O foco nesses elementos do contato é de extrema importância para esta abordagem que privilegia o processo ao conteúdo. Exatamente, em Gestalt-terapia coloca-se o “como” se fala em figura, contra o fundo com “o que” é dito. O que embasa esta prática é a crença de que independentemente do que o casal ou família traz como tema de discussão, há um padrão que se repete impedindo as fronteiras íntimas de fluírem criativamente. A esse respeito, Zinker (2001, p. 193) afirma:

Nosso trabalho é ver o processo do casal e ajudá-los a mudá-lo. O deles é seguir com seu conteúdo. Se simplesmente nos juntarmos ao casal em seu conteúdo, não seremos mais consultores adequados para o seu processo. [...] Eles podem estar falando de sexo, dinheiro ou de mudar-se para outra cidade, mas as áreas de interrupção tenderão a ser as mesmas. E isso é o processo. O impasse deles não está no conteúdo.

Logicamente, que enquanto fundo para o terapeuta, o conteúdo é parte do campo terapêutico estabelecido, e como tal relaciona-se com a figura contextualizando-a. Logo, o que é dito não é excluído do processo, mas cuidadosamente considerado em sua relação com a forma com que se diz. Cabe acrescer à relevância do “como” no âmbito da Gestalt-terapia, a tendência de as pessoas não parecerem estar tão conscientes do mesmo quanto das palavras que proferem. Ora, não é preciso esforços para o psicoterapeuta perceber a maior familiaridade de seus clientes com a comunicação que se dá pela palavra – quando

estes narram seus problemas cotidianos, por exemplo – em contraste com a estranheza que revelam em resposta à possível questão sobre como eles estavam realizando esta comunicação. Com que expressão, com que timbre de voz; se estavam em concordância com o que era verbalizado ou não, dentre outras questões. E essas são reflexões que o terapeuta de abordagem gestáltica pode habilmente levantar.

Logo, para que as atenções estejam voltadas ao modo de ser em relação no *setting* terapêutico é necessário que esse “como” se faça presente na sessão. E não é simplesmente falando sobre um ocorrido que a forma de lidar com este acontecimento emergirá, mas sim na medida em que este passado presentifica-se. Para tal, Zinker (2001) apresenta a proposta de que ao invés de falarem sobre um problema passado, casais e famílias tragam-no para a sessão. E assim, no aqui e agora do campo da terapia, o gestalt-terapeuta enquanto parte do sistema, pode entrar em contato com a maneira que os clientes vivenciam o conflito, na medida em que este vai sendo tocado.

Ainda sobre o “como” ou o processo, Perls (1977) é enfático: destaca que nele há tudo o que necessitamos para compreender o funcionamento dos seres e do mundo. E afirma que ao olharmos nessa perspectiva, nos afastamos da causalidade linear alcançada pelas respostas aos “porquês” da vida. Para Fritz, perguntas e respostas explicativas tendem a um padrão de fala neurótica, pela qual a pessoa se utiliza de racionalizações para explicar a sua existência através da lógica de causa e efeito, na medida em que se afasta da consciência de si (PERLS, 2002). E como a saúde em Gestalt-terapia é considerada pela capacidade de estar *aware* e ajustar-se criativamente no contato, intervenções de ordem causalista devem ser evitadas do rol de possíveis perguntas promotoras de autonomia.

Nesse sentido, apresenta-se o papel do gestalt-terapeuta como facilitador da tomada de consciência global dos participantes do sistema terapêutico, acerca do seu modo próprio de ser no mundo em relação com o outro. Da *awareness* do seu processo existencial. Para isso, adota-se o método de abordagem fenomenológica, que se caracteriza predominantemente pelo uso da linguagem descritiva, se opondo à interpretação⁴ e prescrição terapêutica (AGUIAR, 2014). Através da descrição

⁴ Rehfeld (2004) coloca que a interpretação à qual a Gestalt-terapia se opõe é a do modo freudiano, “de caminho para o inconsciente, indo para o oculto, através do manifesto” (p. 2). O autor esclarece

fenomenológica, o gestalt-terapeuta pode narrar o fenômeno que surge como figura para si, aos participantes do sistema. Com essa escuta, as pessoas terão a oportunidade de perceber a si mesmas no momento em que acontecem. Casais e famílias poderão se dar conta de quando e como interrompem o fluir saudável de suas relações, de como se ajustam criativamente de maneira que sintomas mantenham os seus vínculos mas, paradoxalmente, levem ao sofrimento de seus membros.

Nesse processo, gestalt-terapeuta e clientes podem se aproximar da compreensão de uma das grandes questões em Gestalt-terapia: “A serviço de que este sintoma se faz presente nesta relação?”. Essa é a pergunta que, geralmente, se faz frente aos mecanismos de defesa/adaptação: “A serviço de que este mecanismo se faz presente?” E sua resposta consiste em nada menos do que dar sentido ao sintoma que o sistema expressa. Lembrando que sintoma é a repetição do antigo padrão (gestalt aberta), que clama por uma nova forma de ajuste, a fim de alcançar satisfação.

É importante frisar que o sentido do sintoma na abordagem gestáltica é dado pelos clientes. No entanto, ele é construído no encontro com o terapeuta; na relação. De pessoa a pessoa, numa relação dialógica, como denomina Hycner (1995), referindo-se a um tipo de interação específica entre os seres humanos, na qual existe o desejo genuíno de encontrar o outro. Isso exige uma postura de respeito à alteridade, e, conseqüentemente, uma boa noção de diferenciação do self na fronteira de contato. Portanto, o trabalho gestáltico com fronteiras íntimas realiza-se numa parceria, onde todos contribuem com fundamental importância para o crescimento do sistema conjugal e/ou familiar. Como narra Wheeler (2001. p. 14),

Aqui não existe nenhum “divã”, nenhuma regra rígida para avaliação e diagnóstico da construção da experiência do cliente, mas sim um método humano e sábio para descobrir juntos os lugares em que essa experiência possa estar bloqueada, distorcida, empobrecida ou sem paixão, e também de forma concreta para os gestos interpessoais nos casais e nas famílias que possam estar apoiando ou tolhendo o processo de criação da relação eu-outro. A terapia aqui

que enquanto abordagem de fundamento fenomenológico e existencial, a ação de interpretar faz parte da prática gestáltica, só que na perspectiva hermenêutica.

é uma arte, uma disciplina – um ritual, nas palavras de Zinker – um tipo específico de contato pessoal profundo e não um substituto para ele, não uma “objetificação” na qual o sujeito ou a pessoa, na realidade, é suprimida ou esquecida como fazem muitas outras escolas e abordagens.

Para tanto, é necessário que o terapeuta esteja aberto para perceber o fenômeno da forma que ele se apresenta; a fim de que este seja considerado em sua singularidade existencial. Não associá-lo com conceitos prévios, julgamentos pessoais ou inclinar-se a categorizá-lo, mas sim colaborar para a sua compreensão na rede de relacionamentos de quem o vive por quem o vive, são atitudes que compõem o enfoque fenomenológico.

Essa é a perspectiva fenomenológica do modelo, que simplesmente significa seu compromisso para a compreensão de como o mundo parece, como o significado é organizado e construído do ponto de vista de um paciente ou cliente. [...] Conhecer uma pessoa, para a terapeuta ou para os próprios membros do casal, tem que significar conhecer essa atividade construtiva para a pessoa do ponto de vista dela ou dele, tanto no processo quanto no conteúdo. Isto é o que intimidade significa - conhecer o mundo interior de uma pessoa ou "campo", e fazer o seu mundo conhecido. Isto torna a intimidade e processo íntimo qualitativamente diferente de outros tipos de processo interpessoal (WHEELER, 1994, p. xii, xiii, tradução da pesquisadora).

Como acrescenta o autor acima citado, o casal – e pode-se estender a qualquer sistema íntimo – assim como o terapeuta, também estará imerso no movimento de conhecer os outros, sob o ponto de vista de cada um. O que ocorre junto ao próprio processo de *awareness* e transformação do todo, num ritmo complexo e fascinante.

Ainda sobre a *práxis* terapêutica, para além da observação e descrição fenomenológicas, o gestalt-terapeuta conta com diversas outras possibilidades interventivas, que lhe permitem atuar de maneira autêntica e criativa. A principal delas – e presente em todas elas – consiste em sua própria presença. A relação terapêutica em gestalt-terapia é um experimento em si, afirmam diversos autores da

abordagem gestáltica (GORENSTIN; PINHEIRO, 2005; PINTO, 2009; RIBEIRO, 1991). Isso significa que na medida em que o terapeuta interage com seus clientes – sendo afetado por eles e colocando suas sensações e percepções evocadas, a partir desse “toque” – ele estará sendo instrumento da experiência imediata no campo. Para ficar mais compreensível: diante de uma família na qual o pai se queixa de ser injustamente considerado rude pela esposa e filhas, e em certo momento ele repete essa forma de agir com o terapeuta; imediatamente, este poderá explorar essa experiência relacional com o pai em conjunto com os outros membros. O artesão e a matéria prima se encontram.

Também é comum o uso de perguntas reflexivas e de qualquer outra ordem que se julgue terapeuticamente adequada, num dado momento. Não existem modelos prévios ou manuais com “passo a passo” para este tipo de atendimento clínico que lida com a singularidade, ou seja, que se debruça a todo o momento sobre o inesperado. O importante é que qualquer questão que seja feita esteja orientada para a ampliação da *awareness* do *self* em ação. O que logicamente requer que sejam focadas no que se faz presente na sessão. É importante destacar que isso não impede que haja articulações com conteúdos da história do sistema. Pelo contrário, é no aqui-e-agora gestáltico que o passado e o futuro se encontram, e evocar esses dois momentos temporais além de inevitável, enriquece e dá contexto.

Retornando ao tema do experimento, este não se restringe à relação com o terapeuta. De grande tradição e fama (muitas pessoas conhecem a Gestalt-terapia por esta prática) é de praxe o uso deste recurso terapêutico, desde os primórdios da abordagem. Perls, Hefferline e Goodman (1997) explicam que a palavra experimento deriva do latim *experiri*, que significa tentar. Sendo assim o experimento é uma “experimentação, tentativa ou especial observação feita para confirmar ou refutar algo duvidoso, especialmente aquilo sob condições determinadas pelo experimentador” (p.16). E acrescentam que no experimento o paciente aprende a experimentar a si mesmo; ressaltando que o termo experimentar deriva da mesma fonte latina *experiri*.

No experimento, o importante é que os clientes possam viver situações novas ou aquelas antigas que não possuem fechamento, de maneira suportiva;

ampliando a *awareness* de seus processos, arriscando novas formas de contato, experimentando uns aos outros. A esse respeito, Giordane (2010, s/n) acorda:

Durante o experimento, é possível que os clientes se explorem de forma ativa. O consultório se torna um laboratório vivo, em que eles se investigam realisticamente. Através dos experimentos, novos e criativos ajustamentos podem ser testados. Pode-se aprender experiencialmente sobre si mesmo e viver a terapia como a vida, num processo contínuo de conscientização.

Sobre o tipo que pode ser utilizado, são comuns a dramatização e o trabalho com sonhos, mas não há limite para sua criação. Quanto ao seu manejo, Salomão (2007) aponta para um aspecto importante: ao longo do desenvolvimento da abordagem gestáltica houve diversificações acerca do emprego do experimento. Essas diferenças dizem respeito à esfera da técnica, que vai desde a aplicação da técnica pela técnica ao uso contextualizado desta, de acordo com os pressupostos fenomenológicos e existenciais da Gestalt-terapia. A autora comenta:

[...] um experimento [...] é contato emocional com a experiência. Ele pode ser composto de muitas técnicas, que podem preexistir ou ser construídas na cena terapêutica a partir do que está acontecendo no momento. [...] Certa vez perguntei a Erving e Miriam Polster quando e como fazer um experimento com o cliente. Eles me responderam: quando ele for o próximo passo. O terapeuta cria inúmeras situações que posteriormente se tornam “técnicas”, passíveis de serem reutilizadas em outras ocasiões e/ou não. O que distingue um experimento de uma técnica é que um experimento surge em função do tema, das necessidades do processo do cliente, nos momentos de impasse e no processo da sessão. O experimento é sempre singular, mesmo que estejam sendo utilizadas técnicas de uso corrente. O que ele tem de peculiar é o seu manejo. (SALOMÃO *apud* SALOMÃO, 2007, p. 113-114).

No que concerne à mudança, procura e pedido comum dos que vão à terapia de casal e família, a Gestalt-terapia apresenta uma proposta que parece ir à contramão: a mudança ocorre quando buscamos ser o que somos, e não quando

tentamos nos converter naquilo que não somos (BEISSER *apud* PINHEIRO, 2014). Essa é a ideia central da Teoria Paradoxal da Mudança – criada pelo gestalt-terapeuta Arnold Beisser, aluno de Fritz, na intenção de sistematizar a compreensão de como se dava o processo de mudança na abordagem de seu mestre, segundo Pinheiro (2014).

De acordo com essa perspectiva, para que ocorra transformação nos sistemas íntimos é necessária, antes de qualquer coisa, que haja aceitação acerca da forma de ser deles. Sobre esse paradoxo, Cardella (2002, p. 42) comenta:

Para a Gestalt-terapia, a pessoa é capaz de crescer tornando-se cada vez mais o que é, e não quando tenta ser o que não é... É preciso aceitar afetos, pensamentos e desejos, mesmo que sejam desagradáveis e dolorosos, para que a mudança ocorra e para que se experiencie a harmonia e a paz.

Nesse sentido, é fundamental o trabalho com a conscientização dos casais e famílias no que diz respeito a como ele são e a como gostariam de ser; para que reconhecendo suas potencialidades e limites possam escolher se arriscar ou não num modo diferente de se relacionar. Afinal, [...] toda mudança implica um risco; o risco de sair de uma situação que, embora possa até ser desconfortável, é familiar; o risco de “não dar certo” e, até, paradoxalmente talvez, o risco de “dar certo”. (ORGLER, 2007, p. 215).

E aqui se completa a gestalt formada pela intenção de contextualizar no campo da Gestalt-terapia de Casal e Família, para iniciar a formação da figura da pesquisa: o lugar da comunicação não verbal nesse campo.

2 A FIGURA EM FORMAÇÃO: A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL EM GESTALT-TERAPIA

A delimitação da temática deste capítulo à construção teórica sobre “comunicação não verbal em Gestalt-terapia” e não, “em Gestalt-terapia de casais e famílias”, diz de uma escassez de produção nessa especificidade. No entanto, isso não aparece como um problema, posto que a concepção de ser humano gestáltica, de ser-em-relação, possibilita a transposição do conhecimento produzido em Gestalt-terapia sobre o indivíduo ao campo do “nós”.

Outro aspecto importante em relação ao assunto eleito como figura refere-se ao desafio que é encontrar na literatura gestáltica o termo “comunicação não verbal” de forma clara e sistematizada. Logo, exige-se atenção para identificar o tema, que geralmente aparece com outros nomes; e nesse trabalho, como que de “garimpagem” das partes que correspondem ao não verbal, se fez surpreendente a descoberta de que a comunicação não verbal está presente em toda a Gestalt-terapia, aonde quer que ela seja buscada. Portanto, na tentativa de transmitir essa constatação aliada à inspiração na forma como a própria abordagem gestáltica foi criada – unindo-se conhecimentos diversos num todo coerente e diferente da soma das partes – decidiu-se apresentar os subtítulos deste capítulo do seguinte modo: como partes independentes, apesar de inter-relacionadas, de maneira que a leitura possa ser feita na sequência desejada. Afinal, não importa a ordem, ao final haverá em comum a possibilidade de formação de uma gestalt esteticamente harmoniosa.

Mas afinal, de que comunicação se está falando? A comunicação é vista em Gestalt-terapia como o fenômeno do contato. Ou ainda, nas palavras de Galli (2007, p.98), doutora em comunicação social, em referência à abordagem gestáltica: “Contato é processo comunicativo”. Sendo assim, na comunicação, o sujeito, em sua condição de ser-em-relação, se constitui e se reconhece em sua forma de ser no mundo. Isso ocorre na medida em que ele se percebe na semelhança e na diferença do outro – que o autentica como sendo ele próprio – através da *awareness* do processo de assimilação-rejeição, na fronteira de contato.

Como esse movimento é ao mesmo tempo em que constitutivo, transformador – por ser terreno de troca dos homens entre si e com o meio – à

comunicação, sob o ponto de vista gestáltico, confere-se uma dimensão ampla que vai muito além do intercâmbio de informações. Comunicar em Gestalt-terapia é acontecer, é tornar-se; é reconhecer o outro; é transformar e transformar-se; é informar e manter-se informado – de si, do outro, da vida. Nesse cenário plural, Galli (2007) acresce a função de dar sentido às coisas e ressalta a importância da perspectiva histórica no contexto comunicacional. Sim, a comunicação se processa - desde seu modo não consciente até na *awareness* – em determinado tempo e lugar e por ela se atravessam fatores de uma cultura com costumes, normas e passado próprios. E tudo isso somado ao aspecto subjetivo e singular presente no acontecimento da comunicação, contribui para caracterizá-la numa complexidade tamanha que a intercomunica ou coloca em contato com outras áreas do saber – como a sociologia, a história e a física.

Já sobre as formas de comunicar, o modo não verbal consiste em todo aquele que exclui a palavra enquanto recurso de contato, visto que “a comunicação verbal é aquela associada às palavras expressas, por meio da linguagem escrita ou falada.” (PAES DA SILVA, 2006, p. 31). Portanto são próprios do processo comunicacional não verbal: os gestos, a postura, a posição que os comunicantes ocupam entre si, as expressões faciais, o tom e o ritmo da voz, o olhar, o sorriso, a respiração, o corar da pele, o modo de se vestir, dentre outros modos. Enfim, toda maneira que não se realiza através do que “se voltou contra o homem” (PERLS, 2002, p. 298), segundo Fritz acusa em seu primeiro livro, em referência à palavra⁵.

2.1 Terapia de Concentração: uma tentativa de resgate do não verbal?

Suponho que me entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... Ou toca ou não toca. (LISPECTOR, 1977)

A criação da Gestalt-terapia por Fritz e seus colaboradores deu-se num momento de tentativa frustrada de contribuição à Psicanálise. Desprezados por

⁵ Essa afirmativa de Fritz pode ser compreendida na leitura do tópico 2.1

Freud, seus escritos sobre “resistências orais” - apresentados no Congresso Internacional de Psicanálise de 1936 – marcaram sua ruptura com o meio psicanalítico. Seis anos mais tarde, suas ideias renegadas foram apresentadas em seu primeiro livro “Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud”, já com certa estrutura epistemológica do que veio a ser a abordagem gestáltica.

Neste livro, Fritz propôs um novo olhar ao homem e à forma de fazer psicoterapia, a partir de fortes críticas ao método freudiano. Encontrou no pensamento organísmico de Goldstein os fundamentos para um ser humano integrado, considerando “corpo, mente e alma, como três aspectos do organismo humano” (PERLS, 2002, p. 251). A crítica à Psicanálise, neste ponto, era a supervalorização dada à palavra, recurso de seu método de “Associação Livre”, e às resistências intelectuais – em detrimento do corpo e das resistências de ordem emocional. Foi então que lançou a “Terapia de Concentração”, com o objetivo de recuperar a “sensação de nós mesmos” (PERLS, 2002, p. 264).

Com a afirmativa “serei capaz de auxiliá-lo a adquirir o alfabeto de “sentir” a si mesmo” (PERLS, 2002, P. 264), Fritz inaugurou o “bê-a-bá” terapêutico para que, através da concentração (teoricamente a concentração ampla, mas na prática a corporal foi especialmente enfatizada), fosse alcançada a *awareness*. Nesse processo, apesar de ter frisado que o intelecto não podia ser totalmente ignorado, declarou que as palavras serviam mais como instrumento de ocultação do que de revelação, e que dificilmente elas poderiam se igualar ao sentimento verdadeiro. Para ele, era através dos sentidos, ou seja, através do não verbal, que as coisas podiam ser genuinamente experimentadas, conhecidas e então comunicadas em seu sentido real. Em acordo com esse pensamento, o casal Ginger (1995, p.163) considera: “para o gestaltista, a linguagem do corpo tem a vantagem de estar enraizada no aqui e agora, enquanto a palavra pode se extraviar, mais preocupada com o *que* do que com o *como*.”

Também em consonância com a proposta de Fritz, Peres e Holanda (2004) pontuam que há, na abordagem gestáltica, uma ênfase à vivência a qual comparam com a dada pelo filósofo Kierkegaard, que defende que: “não é pelo pensamento que o existente se constitui; é preciso viver para existir” (s/n).

No entanto, pode-se facilmente perceber as contradições presentes na nova proposta de Fritz, que ora parece integrativa, ora denota privilegiar uma parte

em detrimento da outra, levando a possíveis questionamentos, como: “O seu pensamento segue de fato o holismo ou não superou a lógica da cisão mente-corpo?” ou ainda, “Qual o real lugar em que a palavra foi colocada diante do destaque dado ao sensorial?”. Essas são algumas interrogações que podem ser incluídas no conjunto de “mal-ditos”, que segundo Wallerstein Gomes (2001, p.18), cercam com frequência a Gestalt-terapia. Para a autora, provavelmente Fritz não conseguiu abandonar o pensamento dicotômico, por questões de ordem pessoal em relação a Freud, o que o teria levado a se preocupar mais em negar a Psicanálise, do que em respaldar sua defesa à noção de unidade organísmica.

De qualquer modo, veem-se aqui, na concentração nos sentidos, nas sensações – no corpo – as primeiras referências à comunicação não verbal na teoria gestáltica. Referência a esse tipo de comunicação enquanto parte essencial ao todo “organismo humano” integrado. Isso ocorreu desde as suas primeiras linhas, mesmo antes de se chamar Gestalt-terapia.

2.2 Modos não verbais de contatar/comunicar

Em acordo com a perspectiva holística da Gestalt-terapia, diversas formas de contatar são consideradas. O casal Polster (2001) descreve sete maneiras e as identificam como “funções de contato”. São elas: ver, ouvir, cheirar, provar, tocar, falar e movimentar-se. Dentre elas, à exceção da fala, no que diz respeito exclusivamente à palavra falada, todas abrangem a esfera do não verbal.

Através do olhar atencioso para a família em psicoterapia, o terapeuta pode comunicar a sua disposição afetiva em ouvi-la. Num movimento de cruzar de braços frente à tentativa de abraço por sua esposa, o marido pode comunicar seu não desejo de toque. Curiosamente, no processo de ouvir-falar que geralmente implica a presença da palavra, a atenção para além da fala também amplia a consciência no contato. Ao ouvir uma mãe dizer que não sente raiva da filha que está ao seu lado, em alto e bom tom, com punhos e maxilares cerrados, sem sequer conseguir encará-la, o terapeuta pode utilizar essas informações não verbais como meio de trabalhar com a mãe uma provável alienação de parte de si. Neste caso,

provavelmente, da emoção de raiva, que poderia ter emergido no campo terapêutico através do corpo e do tom de voz.

Sobre essa temática, Galli (2007, p. 93) comenta:

a psicoterapia gestáltica dá muita importância a tom de voz, postura, gestos e expressão facial. Grande parte dos fatos significativos tem lugar nas trocas produzidas pelas comunicações não-verbais, cujas transcrições em palavras são difíceis e provocam a perda em boa parte de seu verdadeiro significado. Em gestalt, manifestações corporais voluntárias ou inconscientes (gestos, movimentos, tom de voz, postura, coloração da pele e respiração) são tomadas como dados importantes do que ocorre internamente no indivíduo. A linguagem do corpo está enraizada no aqui e agora de maneira progressiva. Segue-se o caminho do dar-se conta, que vai desde o corpo até a palavra.

Portanto, ao focar em proporcionar a autoconsciência dessas possíveis formas não verbais de estabelecer contato, o gestalt-terapeuta pode encontrar um fértil recurso para o alcance da *awareness* dos clientes. Por exemplo, contatar a respiração, como mencionado no trecho acima, é, segundo Goodman (*apud* GREGORY, 2000), o primeiro passo na terapia. Afinal, “estar *aware* das mudanças espontâneas em nossos padrões de respiração, que ocorrem de acordo com a necessidade, proporciona-nos uma experiência palpável de autorregulação orgânica” (GREGORY, 2000, s/n, tradução da pesquisadora). O aumento do ritmo respiratório ao ensaiar uma postura de risco, a abertura da boca como auxiliar durante a sensação de falta de ar num instante de surpresa, qualquer que seja a alteração dessa função primordial à existência, pode permitir o contato vívido com interferências no processo de ajustamento criativo.

Ainda sobre os modos de contatar – corporais, visto que “o corpo é a nossa casa” (SILVEIRA; PEIXOTO, 2012, p. 104) e, portanto, fronteira de contato primeira – estes autores falam em potências do *ethoself*, e as definem como “as inúmeras capacidades dos nossos modos de ser na relação com o ambiente”. Eles descrevem em sua obra “A Estética do Contato”, as potências do olhar, da fala, da escuta, do tocar, dos odores, a potência gustativa, sinestésica, cinestésica e do

sentido comum. As três últimas, menos familiares, referem-se, respectivamente, a: relação espontânea entre sensações de ordens diferentes (como sentir um cheiro e “ver” a imagem de alguém); sensação do estado do corpo a cada instante e, por fim, a capacidade de reunir todas as percepções envolvidas numa dada experiência, associando-as numa gestalt significativa. A importância desta última está na complexidade singular que garante as vivências e suas lembranças.

Agora, independentemente de como são chamados, o ponto crucial desde a Gestalt-terapia inicial até a sua prática contemporânea é que – independentemente da causa, se pelo uso excessivo da palavra ou por qualquer outra razão cultural – parece haver um consenso sobre a tendência ao contato pouco profundo e consciente nessas vias do sensível. Esta possibilidade está em acordo, inclusive, com Ekman (2011), um dos maiores nomes da comunicação não verbal na atualidade, com destaque ao estudo das expressões corporais das emoções. E é diante desse cenário, aparentemente pouco atualizado que, há cerca de sete décadas, se insiste na Gestalt-terapia para que o contato através dos sentidos seja desenvolvido em busca de uma existência mais plena de consciência e autenticidade.

2.3 Heranças familiares para além da fala na Gestalt-terapia

Algumas influências marcantes estiveram presentes na história de vida dos criadores da Gestalt-terapia, na esfera do não verbal. Além do já apresentado sobre Fritz, nomeado por muitos como o pai, introduz-se aqui uma personalidade extremamente importante, mas que pouco aparece ao longo da obra gestáltica: Laura Perls, esposa de Fritz e, portanto, metaforicamente, mãe da Gestalt-terapia, como se refere Wallerstein Gomes (2001). Ambos tiveram contatos pessoais relevantes com o não verbal em suas jornadas, que evidentemente ou discretamente aparecem no corpo teórico da abordagem gestáltica.

A relação de Perls com Reich, fundador da Análise do Caráter, citada por Ginger e Ginger (1995), é um exemplo disso. Quarto analista de Perls, Reich foi para ele, figura de grande respeito. “Fritz sentiu-se enfim compreendido e energizado.

Tinha grande admiração por Reich e sua Gestalt-terapia seria notavelmente inspirada nele.” (*Op. Cit.*, p. 51). Psicanalista, assim como Fritz, Reich distanciou-se da abordagem freudiana por considerar insuficiente a descoberta da origem e significado dos sintomas inconscientes, visto que, para ele, depois deste processo os sintomas não desapareciam. Logo, em busca da cura, propôs um método de análise através do qual procurava identificar e tratar as tensões no que ele nomeou de “courageiras do caráter” não hesitando, inclusive, em tocar os seus pacientes para tal intento. (GINGER; GINGER, 1995).

Segundo Rego (2003), Reich partiu da concepção de que os mecanismos de defesa inconscientes não se restringiam ao âmbito do psíquico, mas manifestavam-se também através do corpo – sob a forma de atitudes musculares crônicas e fixas: as courageiras. De modo sintético, para Reich (*apud* REGO, 2003, p. 40), funcionava assim: “a tensão muscular que está presente e não se resolve numa descarga motora consome a excitação que poderia surgir como angústia; desse modo, evita-se a angústia.”. Percebe-se, então, como o sintoma pode se fazer presente a nível somático e ainda, o aspecto “protetor” do sintoma, na medida em que mantém o organismo distante do sofrimento psicológico, canalizado no corpo. Seria coincidência a semelhança desse processo com os dos mecanismos de resistência criados por Fritz? Particularmente com o de retroflexão? E esse modo integrativo de conceber e buscar trabalhar com a mente e o corpo? Sobre este último ponto, pode-se percebê-lo com maior clareza, nas palavras do próprio Reich, a seguir:

A dissolução de um espasmo muscular não só libera a energia vegetativa, mas, além disso, e, principalmente, reproduz a lembrança da situação de infância na qual ocorreu a repressão do instinto. Pode-se dizer que toda rigidez muscular contém a história e o significado de sua origem. (REICH *apud* REGO, 2003, p.39).

Músculo-lembrança, mente-corpo, aparecem como partes integradas no mecanismo de repressão descrito. E a partir deste olhar, para Perls (1979), as resistências psicanalíticas tornaram-se funções organísmicas totais e “o “corpo” ganhou seus próprios direitos.” (*Op. cit.* p. 55). Isso não quer dizer que Fritz aderiu

totalmente ao pensamento reichiano, pelo contrário, teceu críticas a Reich, inclusive à própria teoria das couraças musculares. Mas, existiram, sim, pontos em comum entre os dois autores.

Mendes e Baratieri (2011) destacam, dentre outros aspectos compartilhados, que tanto Fritz quanto Reich concordavam que, num processo de psicoterapia, falar não é o suficiente. Ambos tiveram a preocupação de abordar o homem em sua totalidade e acreditaram no corpo enquanto a expressão visível do “interior” de cada um. “Na realidade, não se pode conceber um trabalho reichiano ou gestáltico sem que o corpo esteja imerso na própria compreensão do processo”, acrescenta Ribeiro (2012, p. 173).

Outro pensamento que dividiam era o de que a maneira como as coisas são ditas é de extrema importância. Ou seja, a forma com que se fala deve ser observada além do conteúdo. A esse respeito, Tellegen (1984, p.37) comenta: “o que sem dúvida foi decisivo para Perls, é a observação de Reich de que a dinâmica conflitual se revela mais na forma das comunicações do paciente do que no conteúdo.”. Mas havia um privilégio da forma em relação ao conteúdo? De acordo com Mendes e Baratieri (2011) e Ribeiro (*apud* MENDES; BARATIERI, 2011, p. 4), sim:

Perls e Reich afirmavam que mais importante do que é dito pelo cliente é como isto é feito. [...] Ambos acreditam que a palavra engana, mas a maneira de falar nunca. (RIBEIRO *apud* MENDES; BARATIERI, 2011, p. 4). “O corpo, diz Reich, é a manifestação imediata, inconsciente do caráter, e Perls dirá que o corpo é o inconsciente visível.” (RIBEIRO *apud* MENDES; BARATIERI, 2011, p. 4).

Ao analisar as colocações citadas de Tellegen (1984) e Mendes e Baratieri (2011) parece que a ênfase no corpo diz de uma legitimidade que não pode ser negada pelo seu caráter inconsciente. Até porque a consideração de que uma parte do organismo é mais importante do que outra não harmoniza com a postura integrativa do pai da Gestalt-terapia e de seu psicoterapeuta inspirador. Interessante que nem todos os gestalt-terapeutas concordam com a veracidade absoluta do que

o corpo comunica. Ginger e Ginger (1995), por exemplo, afirmam que “o corpo também mente” (p. 162). Para eles, assim como as palavras podem ser meio de enganação, de maneira consciente ou não, assim também acontece com o corpo. Ora, como em Gestalt-terapia não se trabalha com um sentido preestabelecido, como dizer se um gesto é coerente ou não, verdadeiro ou falso, senão a partir da perspectiva do cliente? Perspectiva esta, muitas vezes, ampliada pela percepção do gestalt-terapeuta.

Além de Reich, o teatro se fez presente na vida de Fritz desde a sua infância. Ele costumava acompanhar a sua mãe a peças e brincar com amigos, em sua casa, criando cenários e personagens. Na adolescência, inclusive, chegou a fazer teatro como figurante, no Teatro Real de Berlim; foi quando conheceu o diretor Max Reinhardt, de estilo expressivo, que veio a influenciá-lo em sua forma de fazer psicoterapia. (TELLEGEN, 1984). “Reinhardt foi o primeiro gênio criativo que conheci. [...] Ele compreendia o ritmo das tensões e do silêncio, de modo que a prosa se transformava em música. [...] Eu penetrara na vida da existência múltipla.” (PERLS, 1979, p. 238). Foi, portanto, com esse mestre que Fritz iniciou seu aprendizado na identificação e associação de expressões faciais, corporais, posturas, tonalidades e entonações de voz, tornando-se atento para a comunicação não verbal e global do sujeito. De acordo com esta afirmativa, Alvim (2007, p. 16) acrescenta:

O estilo de Reinhardt, que preconizava a harmonia e o ritmo na interpretação, enfatizava a comunicação não-verbal, tendo influenciado Fritz e a Gestalt-Terapia, que toma a harmonia e ritmo da forma como indicadores de que a ação em curso é saudável, é uma ação que envolve o organismo como um todo.

E as influências do teatro não se encerraram por aí. A maneira com que Reinhardt dirigia suas peças, como uma realidade viva, na qual personagens se apresentavam em interação com o público ao invés de apenas representarem um papel nos palcos, lembra bem o estilo com que Fritz trabalhava com seus pacientes. O foco na relação, na experiência, a espontaneidade e até certos experimentos

envolvendo dramatizações, parecem refletir o cenário das artes cênicas no contexto da psicoterapia gestáltica.

No que concerne a Laura Perls, nesta época ainda de sobrenome Polsner, aos cinco anos de idade deu início a aulas regulares de piano. Seu contato com a música, no entanto, ocorreu ainda mais cedo, pois era prática de sua mãe sentar-se ao piano. Crescendo num meio musical, aos 18 anos Laura se tornou pianista profissional e sobre esta forte presença em sua vida chegou a declarar: “Eu era capaz de ler partituras musicais muito antes de ler qualquer outra coisa.” (PERLS *apud* ALVIM, 2007). A dança também fez parte de sua vida desde a infância, e não foi uma dança comum. Laura fazia dança moderna e Eurytmia, um tipo de treinamento específico que propunha experimentar o ritmo musical através do corpo.

Toda essa vivência artística de Laura, através da música e da dança, ampliou o seu contato com o corpo e foi fator decisivo para que ele ocupasse um lugar privilegiado na Gestalt-terapia, de acordo com Alvim (2007). Um fato curioso é que Laura (*apud* ALVIM, 2007) afirmou que, muito antes de Reich, já havia se dado conta de que as desestabilizações do organismo ao longo de seu desenvolvimento envolvem o sistema muscular; e que esse conhecimento deu-se através da música/dança, bem como do pensamento holístico de Kurt Goldstein.

Portanto, em visita a alguns momentos de vida dos Perls, pode-se encontrar em formação o que se tornou herança de sua abordagem “filha”: a acentuação do não verbal enquanto ritmo, dança, música, músculo, movimento, respiração – “corpo”.

2.4 Intercorporeidade: de Merleau-Ponty à Gestalt-terapia

O conceito de intercorporeidade, introduzido pelo filósofo francês Merleau-Ponty, em 1945, “tocou” o corpo da Gestalt-terapia por intermédio de gestalt-terapeutas que construíram interlocuções entre a sua abordagem e o referido conceito.

Jean Marie Delacroix, renomado gestalt-terapeuta conterrâneo de Merleau-Ponty, é um exemplo disso. Delacroix (2012) conta que, no ano de 2008, ao perceber que alguns aspectos de seu pensamento e prática gestaltistas estavam contemplados na noção de intercorporeidade, levou este conceito à teoria gestáltica do *self*. Isso foi feito através da publicação do artigo “*Intercorporalité et aimance du thérapeute*”, publicado em 2010, na revista do *Collège Européen de Gestalt-thérapie*; no qual, segundo o próprio autor, a intercorporeidade foi apresentada como elemento fundamental para a criação do vínculo e da intersubjetividade, no processo terapêutico (*Op. Cit.*).

Para o entendimento dessa afirmativa e, anteriormente, do próprio conceito a ela subjacente – o de intercorporeidade – se faz necessário introduzir o pensamento merleau-pontiano a respeito do corpo. Ao se debruçar sobre o estudo da fenomenologia da percepção, o referido filósofo considerou que o nosso primeiro modo de entrada no mundo se dá pelo corpo. “O filósofo ensina que o corpo não é um mero autômato, sujeito às forças externas, tampouco o abrigo de uma consciência pura capaz de controlá-lo.” (GONÇALVES *et col.*, 2008, p. 408). Interessante que foi com base na noção de estrutura da percepção, proveniente de trabalhos da Psicologia da Gestalt, realizados por *Köhler* e *Kofka*, que Merleau-Ponty procurou mostrar que “tudo se passa como se não houvesse uma fusão entre o “psíquico” e o “corporal”.” (GONÇALVES *et col.*, 2008, p. 409). Nessa perspectiva, para Merleau-Ponty, a percepção emerge dessa integração, “[...] como produto da ação de um sujeito no mundo, em seu ser-corporal.” (*Op. Cit.*, p. 409).

Indo além do foco na percepção, para a complexidade do comportamento humano, este também passou a ser compreendido a partir de uma relação intrínseca com o meio, no qual o corpo atua através das vias do sensível. Ou seja, para Merleau-Ponty,

o corpo não é como qualquer outro objeto do ambiente, mas o lugar onde a subjetividade pode ser revestida de uma situação física e histórica (MERLEAU-PONTY, *apud* GONÇALVES *et col.*, 2008, p. 412). É pelo corpo que sabemos o que acontece ao redor. São as posturas corporais que oferecem a cada momento uma noção de nossas relações com as coisas e outros corpos. Contudo, o corpo é mais do que um instrumento de ação no mundo, “ele é a nossa

expressão no mundo, a figura visível de nossas intenções” (MERLEAU-PONTY *apud* GONÇALVES *et col.*, 2008, p. 412).

Assim, a percepção, a intencionalidade da consciência, o comportamento, a subjetividade, enfim, todas as formas de expressão da existência humana, no campo da filosofia, puderam ser pensadas sob o olhar de uma corporeidade, uma realidade encarnada. A carne enquanto condição primeira de habitar o mundo, de se fazer presente ao outro, ao meio e a si próprio.

Portanto, é em consonância não só com a Psicologia da Gestalt, mas com a Gestalt-terapia – no que concerne a não possibilidade de uma existência dualista de um eu “interior”, que se expresse com o mundo “exterior” – que se situa a concepção de Merleau-Ponty de que “a subjetividade humana se realiza comunicando-se e expressando-se na visibilidade do corpo e na realidade concreta do mundo” (DENTZ, 2008, p. 2). A esse movimento comunicativo, segundo Dentz (2008), se deu o nome de “revestimento do corpo de significações humanas” ou, simplesmente, subjetivação. Logo, a corporeidade é reveladora da subjetividade desde sua presença, que na condição de ser-em-relação, implica um outro. Esse outro, ou melhor,

o corpo do outro, como portador das condutas simbólicas e da conduta do verdadeiro, afasta-se da condição de um dos meus fenômenos, propõe-me a tarefa de uma verdadeira comunicação e confere a meus objetos a dimensão nova do ser intersubjetivo (MERLEAU-PONTY *apud* COELHO JUNIOR, 2003, p. 8).

Destarte, chega-se da intersubjetividade à intercorporeidade. Segundo a gestalt-terapeuta Alvim (2011, p. 147), “a experiência intercorporal é para Merleau-Ponty, uma experiência irrefletida, que nos dá o outro não como um espetáculo ao qual aprecio de fora.” De acordo com a ontologia da carne,

a experiência intercorporal nos dá o outro como outro eu, outro feito de minha substância, que me mostra, através do seu olhar para o mundo que pensava ser “meu”, que vemos o mesmo mundo; que me mostra, através dos seus olhos marejados de lágrimas que se

dirigem a uma cena do mundo, a “minha” dor. A presença do outro acrescenta ao paradoxo interno de minha percepção “este enigma da propagação no outro da minha vida mais secreta” (MERLEAU-PONTY *apud* ALVIM, 2011, p, 147).

E foi graças a essas comunicações invisíveis (inconscientes; não verbais) que circulam de um corpo ao outro durante o processo terapêutico, em sua importância na construção do vínculo, na empatia, na intersubjetividade, que Delacroix (2012) debruçou-se sobre o tema da intercorporeidade. O corpo a corpo, por ser lugar de encontro com o outro, onde se experienciam o mundo, o novo, passou a ser considerado enquanto lugar de encontro do *self*, no sentido gestáltico do termo.

Nesse contexto, para Delacroix (2012), o gestalt-terapeuta pode trabalhar no intuito de sustentar a circularidade existente nesse processo comunicacional intercorporal, focalizando na *awareness*. A circularidade, segundo o referido autor, diz da continuidade e simultaneidade em que a comunicação corpo a corpo ocorre entre cliente e terapeuta, de modo interdependente. Assim, “o papel do terapeuta é o de abrir sua consciência (*awareness*) ao que passa por si, de colocar-se em circulação restituindo ao paciente o que este lhe transmitiu sem o saber” (DELACROIX, 2012, p. s/n). Logo, tem-se o corpo como lugar de ressonância e de captação entre um e outro; é no seu encontro com o outro que ocorre a experiência do “entre”, o contato, e, conseqüentemente, onde pode brotar a *awareness* necessária enquanto método e objetivo da Gestalt-terapia.

Nas palavras de Delacroix (2012, p. s/n), “o conceito de intercorporeidade nos permite refinar o conceito de contato, introduzindo a noção de vínculo invisível para designar o que se passa do corpo de um ao corpo do outro no aqui e agora.”. Assim sendo, é por esse modo invisível que o não verbal pode se mostrar e trazer revelações sobre os “comos” fundamentais, com os quais o sujeito se coloca no mundo em relação.

3 O “COMO”: MÉTODO E POSSIBILIDADES COMPREENSIVAS EM AÇÃO

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de cunho fenomenológico. Os estudos qualitativos surgiram há cerca de um século, no âmbito das ciências sociais, em meio ao domínio do método quantitativo de investigação. O pensamento positivista estava em voga e, em consonância com ele, a busca pela explicação dos fatos através das relações causa-efeito. Para isso o pesquisador deveria levantar hipóteses prévias e testá-las, com total controle dos procedimentos e variáveis envolvidas, inclusive de sua pessoa, para que, com total neutralidade, não interferisse nos resultados alcançados. As amostras dos estudos precisavam ser estatisticamente elegidas, a fim de que se alcançasse um número suficientemente expressivo para a generalização do conhecimento produzido. Assim, à verdade científica, era conferido um caráter absolutista, até que se provasse o contrário.

Em contrapartida, a investigação qualitativa, definida genericamente por Denzin e Lincoln (2006, p. 17) como “uma atividade situada que localiza o observador no mundo, que consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”, tem por objetivo: “aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão, e capazes de serem abrangidos intensamente” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247). Isto se deu pelo motivo de os estudiosos dessa abordagem terem considerado que o enfoque no geral era insuficiente para o alcance da complexidade do homem – posto que esta residisse, paradoxalmente, em sua singularidade. Assim, o subjetivo foi colocado em primeiro plano, imergindo para o fundo as generalizações.

Através da palavra, matéria-prima da abordagem qualitativa, os valores, normas, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados se tornaram objeto de investigação. Afinal, parafraseando Turato (2005), o alvo passou a ser a significação que o fenômeno em foco possuía para os que o vivenciavam. E, para isto, pesquisador e participantes começaram a ser vistos como agentes da mesma realidade.

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. (*Op cit.*, p. 244).

Nessa perspectiva, não havia mais sentido buscar por uma verdade preexistente, pois à realidade lançou-se o olhar de construção e atribuição social de significados. Ou seja, ficou posto que era na riqueza da relação intersubjetiva que o conhecimento poderia alcançar forma. E em vez de se colocar no lugar de explicar as coisas afastando-se delas, o cientista qualitativista da área de humanas aproximou-se da humanidade da experiência, num passo para poder então compreendê-la.

Vale ressaltar que a prática de pesquisa qualitativa não excluiu o método quantitativo do cenário social. Inclusive, é comum encontrar estudos que fazem uso dos dois modelos de maneira complementar – os conhecidos “quanti-quali”. Mas, definitivamente, existem distinções epistemológicas entre as duas práticas que requerem coerência com a forma de pensar do pesquisador e, evidentemente, com o propósito e referencial teórico do estudo.

Não há também um privilégio de nenhuma prática metodológica em relação à outra no campo da pesquisa qualitativa (DENZIN; LINCOLN 2006). Os autores esclarecem que esse tipo de pesquisa não possui uma teoria ou um paradigma próprio, permitindo que os seus pesquisadores utilizem uma ampla diversidade de análises, abordagens, métodos e técnicas, como norte para o seu trabalho. Dentre os métodos existentes, o fenomenológico aparece como apenas uma possibilidade nesse campo. Herdeiro de distintas tradições,

“Moreira (2004) alerta que, apesar de se referir a esta estratégia metodológica no singular, esta deveria ser utilizada no plural, pois ela abriga uma grande variedade de caminhos que se distanciam devido às especificidades próprias das epistemologias que os sustentam.” (SIQUEIRA, 2011, p.54-55).

Diante do que foi exposto, apresenta-se como viés fenomenológico escolhido para este trabalho, a Analítica do Sentido, proposta por Critelli (2007). Fundada como um método de aproximação do real, esta abordagem viabiliza a compreensão da realidade a partir de seu caráter fenomênico (e não de objeto). Isso significa que a qualidade de permanência e absolutismo do que é - creditado pelo pensamento científico tradicional, fundamentado na metafísica – deu lugar a um outro olhar possível: o da provisoriedade e relatividade do que está sempre em processo de vir-a-ser. Ou seja, o real não “é”, mas está sendo. Nas palavras da autora, “a relatividade diz respeito à provisoriedade das condições em que tudo o que é vem a ser e permanece sendo” (CRITELLI, 2007, p. 16).

Outro aspecto primordial que reitera o fato de que os fenômenos só podem ser relativos, é que eles só vêm-a-ser na relação com o homem, que, por sua vez, está em constante interação com o mundo. Eles não existem por si mesmos. Ou seja, no movimento de perceber um fenômeno, o ponto de vista com a perspectiva de quem o percebe é apenas: **um** ponto de vista, sob **uma** perspectiva de **um** observador, **num** contexto existencial. Logo, de acordo com este paradigma, qualquer interpretação do real é, e objetiva ser, unicamente, uma possibilidade de sentido. É importante ressaltar que, ao falar em possibilidade, fica implícito que o sentido construído neste método tem como característica de ser, poder ser porta voz de outras vozes. Afinal, a fenomenologia considera a coexistência como sendo a condição ontológica do homem. Sendo assim, nenhum olhar é meramente individual.

A partir das noções apresentadas, a fim de se entender os princípios teóricos da Analítica do Sentido, cabe aqui apresentar o seu procedimento aplicado. Critelli (2007) coloca que o acesso à realidade passa por um movimento de realização do real, composto por cinco etapas – **desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação**. O primeiro momento consiste no desocultamento do ente, sendo este tudo o que “é”, o que tem manifestação. Neste instante o ente se torna visível, mostrando o que ele é e como ele é; ele aparece, emerge como fenômeno. E isso acontece num contínuo processo de desvelamento e ocultação de si mesmo.

Na etapa da revelação, o que foi desvelado é confirmado e conservado em sua manifestação através da linguagem. Visto que para algo ser precisa ser

recriado através da fala, pois “para o homem, aquilo de que não se fala simplesmente não existe” (CRITELLI, 2007, p. 81). Afinal, a palavra possibilita o desvelamento do sentido dos entes. O testemunho, por sua vez, se encaixa sendo o momento em que algo é visto e ouvido por outro. Esse outro não ocupa uma posição passiva de receptor da mensagem, mas passa a ser co-elaborador desta – na medida em que confirma a existência do que foi compreendido pela pessoa que realizou a revelação. Neste ato também é confirmada a própria existência do revelador pela testemunha, pois, ao revelar algo, o sujeito revela a si mesmo como compreensor.

Assim, a relação desvelador/revelador-testemunha se faz cenário de mútua atualização existencial, ao passo em que ao adquirirem uma nova dimensão compreensiva dos entes, os coexistentes inauguram uma forma inédita de ser-no-mundo. A respeito da fase do testemunho, Barreto (2006, p.155) coloca que “à medida que as coisas são testemunhadas em comum, instauram o *mundo*, a *trama significativa comum*, que, no trajeto de sua realização, busca alcançar “*ser verdadeiro*”. Portanto, o critério do que é verdade constitui-se no encontro de pluralidades existenciais. E quando algo que é testemunhado é referendado como verdadeiro, pela relevância pública que possui, ocorre a veracização – quarta etapa do movimento em descrição. Essa referência autoriza esse algo a ser o que é e como é. Para isso são utilizados critérios comuns a toda a sociedade; critérios que caracterizam alguma coisa como sendo ela própria.

Por último, no momento de autenticação do conhecimento, aquilo que foi publicamente veracizado efetiva-se em sua credibilidade, pela vivência única do sujeito.

Daí que todas as coisas de que falamos, com que temos contato, de que ouvimos falar ou compreendemos só chegam a ser consistentes pela experiência individual. Experiência que não está embasada pelo raciocínio ou pelo entendimento intelectual, mas passa pelo crivo do sentir. (CRITELLI, 2007, p. 100).

Vem à tona uma oposição clara à metafísica, que classificaria este procedimento como sendo empirista e indigno de relevância científica. E nesse

sentido, à contra mão, a subjetividade firma-se enquanto crivo na produção do conhecimento.

3.1 Participantes

Segundo o critério de escolha intencional – sob o qual se buscam, propositadamente, pessoas que têm conhecimento relevante sobre o tema em foco (TURATO, 2005) – quatro Gestalt-terapeutas com trajetórias profissionais de relevância nacional no trabalho terapêutico com casais e/ou famílias foram convidados a participar deste estudo.

Todos eles possuem vínculo com instituições de ensino, sendo, portanto, formadores e construtores ativos da abordagem gestáltica, além de clínicos. Também, em comum, têm o Rio de Janeiro como cidade de residência e atuação.

A fim de proporcionar maior aproximação dos participantes e ao mesmo tempo preservar as suas identidades, foram escolhidos nomes para representá-los e apresentá-los um pouco mais detalhadamente. Para isso, cada gestalt-terapeuta foi contatado para aprovação do seu nome substituto, ou para sugestão de outro, em acordo com a sua preferência – o que não ocorreu.

- Gesto: Mestre em Psicologia e Gestalt-terapeuta, desde 1997, atua na formação de gestalt-terapeutas, inclusive de casais; na clínica, trabalha com adultos de maneira individual, com casais e grupos.
- Olhar: Mestre em Psicologia e Especialista em Terapia Familiar Sistêmica, formou-se Gestalt-terapeuta em 1983. Com pioneirismo na área de casais e famílias, no Brasil, atua na formação de gestalt-terapeutas, especialmente de casais e famílias. Realiza atendimento individual, a casais, famílias e grupos.
- Postura: É Especialista em Psicoterapia de Casais e Famílias na Abordagem Sistêmica, Especialista em Psicologia Clínica e Gestalt-terapeuta desde 1993. Atua na formação de gestalt-terapeutas, inclusive de casais e famílias. Atende

crianças, adolescentes e adultos, individualmente ou em grupo, e também casais e famílias.

- Sorriso: Doutora em Psicologia, possui Especialização em Psicologia Clínica e Hospitalar. É Gestalt-terapeuta com pioneirismo na área de casais e famílias, no Brasil, atuando, desde 1980, na formação de gestalt-terapeutas, especialmente de casais e famílias; realiza atendimento individual, a casais, famílias e grupos.

3.2 Procedimento: do Convite à Análise dos Dados

Os gestalt-terapeutas participantes foram convidados a colaborar com a pesquisa, através de contato por email, onde constaram informações sobre o objetivo, método e a relevância do estudo. Três responderam afirmando o interesse e um deles apresentou indisponibilidade de agenda com os períodos propostos pela pesquisadora para entrevistá-lo.

Após algumas tentativas para conciliar as datas de todos os envolvidos confirmados, os encontros foram marcados com cada um deles, individualmente, no local de preferência dos mesmos. Todos escolheram seu local de trabalho. Assim, a ida ao Rio de Janeiro foi providenciada e lá, pessoalmente, foi possível encontrar um horário viável para a participação do gestalt-terapeuta que havia ficado sem fechamento.

Cada encontro começou com a lembrança da proposta e método da pesquisa, e confirmação do desejo de contribuição voluntária, firmada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ficou devidamente acordada, e autorizada, a gravação da “narrativa” dos terapeutas, definida por Walter Benjamin (1994) como: uma forma de comunicação artesanal, na qual uma experiência vai sendo elaborada no momento em que é transmitida ao outro através do relato oral, por onde é desvelada, ao mesmo tempo em que, no momento presente desta ação, é construída e reconstruída.

A narrativa, nessa perspectiva, não é a mera transmissão de uma informação, nem tampouco finda em si mesma, visto que “[...] o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIM, 1994, p.37). Logo, a narrativa não consiste simplesmente na lembrança do vivido, pois traz consigo o próprio movimento da vida: de construção de possibilidades de sentido do existir. Sendo assim, é expressão de uma dimensão fenomenológica e existencial.

Para dar início à narrativa, a pesquisadora lançou a seguinte questão disparadora, enfocando o objetivo geral do estudo: Qual o lugar da comunicação não verbal na sua experiência clínica como gestalt-terapeuta de casais e famílias? E na medida em que a pesquisadora foi sendo “tocada” em sua própria experiência de ouvinte, outras perguntas emergiram com espontaneidade. Esse processo conferiu um caráter singular a cada diálogo construído intersubjetivamente. Mas também houve pontos abordados em comum, quando os objetivos específicos da pesquisa fizeram-se figura para a pesquisadora, como um norte temático, no campo dialógico formado. Foram eles: discutir sobre o lugar da comunicação não verbal na clínica gestáltica com casais e famílias; descrever a experiência de gestalt-terapeutas de casal e/ou família, com a comunicação não verbal, em sua prática clínica e; compreender como esses profissionais lidam com a divergência entre a comunicação verbal e a expressa sem a presença da palavra.

Um aspecto relevante, apontado por alguns dos participantes e percebido pela pesquisadora, ocorreu em relação aos limites da narrativa em relação ao não registro automático do não verbal que emergiu no campo (uma das participantes, inclusive, refletiu sobre a possibilidade do uso do recurso de filmagem). Obstáculo que a pesquisadora tentou contornar através de anotações detalhadas, quando esse tipo de comunicação era colocado em evidência pelos gestalt-terapeutas. Portanto, devido à importância desses dados, em alguns momentos da construção da narrativa a seguir, eles serão colocados entre parênteses.

Após a coleta das narrativas, foi realizada a transcrição literal das mesmas, seguida de envio, por email, para efetuação da **veracização**, pelos terapeutas. Depois de veracizado e devolvido, o material pôde ser, finalmente, acolhido pela autora do estudo, que se debruçou sobre ele numa postura

fenomenológica de compreensão. Essa ação deu-se à luz da Analítica do Sentido, proposta por Critelli (2007).

3.3 A Comunicação Não Verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família: Construindo Sentidos

A análise das narrativas será apresentada a seguir, na medida em que ela for sendo construída, aqui e agora, no meu contato com: as narrativas veracizadas dos quatro gestalt-terapeutas entrevistados; os conteúdos teóricos dos capítulos 1 e 2; o que foi assimilado do método de pesquisa adotado, e a conscientização possível de mim mesma. Por isso, peço licença para usar a primeira pessoa, na tentativa de apresentar-lhe a minha compreensão do fenômeno investigado, e, antes disso, pontuar alguns esclarecimentos sobre “como” alcançarei tal intento.

Farei isso através da articulação das figuras de contato que descrevi acima como presentes; permitindo que as quatro narrativas (partes) se desvelem, apresentando-se como momentos significativos (figuras) para a compreensão do fenômeno em estudo. Essa compreensão, por sua vez, será exposta num texto único, ou numa narrativa global; como uma *gestalt*, em que o todo diferente da soma das partes permite a emergência de algo original. Ao longo dessa narrativa uma, destacarei (em negrito e sublinhado) as figuras que forem emergindo para mim, como norte no processo de construção de sentidos.

A fim de facilitar a autoria das falas, utilizarei cores e fontes distintas para identificar cada participante. Faço essa escolha: para *Gesto*, cor azul e fonte *Comic Sans MS*; para *Postura*, vermelha e *Calibri*; para *Olhar*, verde e *Book Antiqua* e para *Sorriso*, roxa e *Verdana*.

Agora, abro os arquivos com as entrevistas para editá-las de acordo com a forma escolhida e uni-las numa só narrativa. Pronto, esta organização me oferece melhor visualização para começar!

O que primeiro chama a minha atenção é o lugar de importância conferido à comunicação não verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família, pelos participantes. Este fenômeno é percebido de maneira mais explícita nas falas de **Sorriso**, **Olhar** e **Postura**:

[...] eu não sei nem se eu vou conseguir dizer toda a **importância** da comunicação não verbal para nós como Gestalt-terapeutas e para mim, particularmente, na minha prática com casal e família [...] é um lugar muito **importante**. [...] para você ter uma ideia da **importância** que eu dou à comunicação não verbal [...] na minha experiência, eu acho que não é possível fazer psicoterapia de casal e de família sem passar pela questão do não verbal e eu diria que eu sou exagerada nisso se eu achasse que é um exagero, mas é que eu não acho que é um exagero. Até quando eu estava lendo o tema eu já ia começar a falar disso [...] muito **importante** isso que você está trazendo, porque é o diferencial do meu atendimento como Gestalt terapeuta.

Neste momento, um brilho é dado à figura do estudo, em total harmonia com os construtos teóricos sobre o quão fundamental é o não verbal na clínica gestáltica – desde os primeiros escritos de Perls, em 1942, até os de gestalt-terapeutas contemporâneos, como Delacroix (2012), Zinker (2001), Polster e Polster (2001), Salomão (2007) e Silveira e Peixoto (2012). Também se faz presente uma questão relevante, apontada por Ginger e Ginger (1995), que diz respeito às sutis variações quanto à ênfase dada ao não verbal pelos gestalt-terapeutas, em decorrência de seu estilo pessoal. Para **Olhar** e **Postura**, por exemplo, parece evidente o privilégio que este modo de comunicação tem em relação àquele que se manifesta por meio da palavra. Esta percepção me leva ao desejo de tornar mais clara a importância dada ao fenômeno interrogado. É importante em que sentido? A comunicação não verbal ocupa realmente uma posição de destaque em relação à verbal? Ou será que essa importância está sendo decorrente do próprio enfoque dado pela pesquisa? A essas questões, seguem algumas considerações:

Não, pois é, eu não vejo como alguma coisa que é passível de uma qualificação assim como o que é que é mais importante, menos importante. Porque [...] a comunicação, ela sempre é sintética. Ela não é analítica. O que é que significa isso? Quando eu expresso alguma coisa [...] como está acontecendo agora, eu estou conversando com você, eu estou falando, eu estou gesticulando. Você está com o teu copinho de água do teu ladinho. Eu te ofereci um café. Você está num lugar que tem um ar condicionado, que tem um silêncio, tem uma privacidade. Tudo isto é comunicação. Então quando você me entende [...] você não pega o copo de água, a minha atenção, o ar condicionado e "Ah, logo, o Gesto me tratou bem!" Não funciona assim. Nós não somos associacionistas; nós somos **holísticos**. De jeito nenhum. [...] Eu acho que o nosso diferencial é poder usar isso também. Porque eu não posso atender um cliente que vem num discurso somente verbal e ficar interrompendo ele o tempo todo para o que eu acredito que é o não verbal como referência [...] às vezes eu nem vou usar. Vou seguir o caminho que faça mais sentido para aquela relação. [...] eu não acho que a Gestalt-terapia seja somente não verbal, somente corpo. Até porque isso é totalmente contrário à proposta da Gestalt terapia que fala na dimensão de não separação, de não cisão, mas sim de **integração**.

Com esse posicionamento, **Sorriso** concorda:

Exatamente. [...] O meu problema, até para dar essa entrevista para você era exatamente isso... Caramba! Eu olho a pessoa **toda**! Assim, o que me chama a atenção... Eu trabalho muito com o que causa impacto em mim. [...] Então isso entra tanto quanto o verbal. E isso não quer dizer também assim, tem muitas sessões que o trabalho é mais no verbal, só que eu não desconsidero nunca o não verbal. [...] Vale sempre lembrar antes de tudo que a Gestalt terapia, herdeira da **Psicologia da Gestalt**, se preocupa com a "forma". A forma como fala, a forma como a pessoa

sente, a forma como olha. O olhar do Gestalt-terapeuta não incide só no discurso falado, mas em **todas** as formas de expressão. [...] Também como um legado da Psicologia da Gestalt, a Gestalt-terapia considera a **totalidade do campo**: o homem em situação. Ela considera o homem em **tudo** que ele é em interação com o mundo. Sabe-se com base nas **Teorias de Campo** que **tudo** exerce força no momento presente. E esse **todo** envolve o homem em sua **totalidade**.

Logo, a importância da comunicação não verbal é considerada por **Gesto**, **Postura** e **Sorriso** enquanto **parte** essencial no processo da gestalt-terapia com casais e famílias, que juntamente com o verbal compõe um **todo** integrado - uma Gestalt, formada por figura e fundo, como se refere Frazão (2013), podendo sim ser figura de atenção e ação terapêuticas, se num momento específico da sessão surgir como tal. Mas sempre em relação aos outros elementos que lhe conferem contexto e integridade. Essa visão global, compartilhada pelos entrevistados acima – além de remeterem aos pressupostos gestálticos oriundos da Psicologia da Gestalt, do holismo de Kurt Goldstein e da ideia de campo proposta por Perls, Hefferline e Goodman (1997) – converge com a de **Olhar**, como pode ser vislumbrado no seguinte trecho:

Então, eu vou te dizer que [...] eu presto atenção ao não verbal junto com o verbal, mas eu vou dizer para você que eu acho que noventa, talvez entre oitenta e noventa por cento da minha sessão, a prática terapêutica, ela é feita através dos olhos.

Neste depoimento, além da referida aproximação que encontro entre **Olhar** e os demais participantes, confirmo que na experiência dela, o não verbal realmente ocupa um lugar privilegiado. E assim como Fritz Perls (2002) e Laura Perls (apud ALVIM, 2007), pais da Gestalt-terapia, tiveram influências em sua trajetória para evidenciar vias de acesso ao ser orgânico pelo não verbal – ele

mais pelo contato com Reich e o teatro e ela pela música e dança - Olhar também as teve:

[...] quando eu estava pensando na entrevista eu pensei assim: eu não sei sobre as outras pessoas tanto, mas eu posso te garantir que eu tive uma formação muito em cima do experimento. Eu fui formada em Gestalt terapia [...] pelos grupos que são mais defensores da experiência, de você se movimentar. Eu fui formada pelo Polster, pelo casal Polster, pelo Zinker, Hycner, que tinha muita presença; e tem uma influência muito grande dos europeus também. Paolo Quattrini; ele é um espetáculo, trabalhando! Ele é o teatro vivo, não é? Trabalha com teatro; ele é teatral e eu tenho uma grande influência dele. [...] eu procuro essas pessoas todas do não verbal: Jean Marie Delacroix, Paolo, até a turma mesmo norte americana, que eu me liguei; são muito mais as pessoas que dão bastante importância a essa coisa do experimento. Tem trabalhos que você faz que eu sei que não vão passar pelo verbal. O grande “tcham” da mudança está no primeiro livro publicado pelo Fritz: é experimentar. Então, experimentar é ver muito no não verbal, é no sentir.

Estas colocações me fazem refletir sobre as prováveis heranças que o estilo de Olhar, ao fazer Gestalt-terapia com casais e famílias, pode estar deixando na geração de gestalt-terapeutas, que atuam na área de relacionamentos, desde a década de 1980, no Brasil; visto que ela é uma das pioneiras da Gestalt-terapia de Casais e Famílias em nosso país, e vem atuando como formadora de referência neste campo. Eis então que surge um discreto sorriso em meu rosto. Pensar sobre isso me traz uma sensação bem agradável, que posso tentar expressar verbalmente, assim: “Nossa! Não é que eu não estou sozinha nessa direção?”. É semelhante ao prazer que eu encontrei quando ouvi: [...] Você chegou à pessoa do não verbal!

Outro ponto interessante que destaco é a compreensão de que, para Olhar, o não verbal encontra na experiência vivida do experimento gestáltico uma via fértil de manifestação. O que, na realidade, apareceu como unânime para todos

os entrevistados. **Gesto**, por exemplo, ao ser indagado sobre a utilização do não verbal como um recurso terapêutico, respondeu nessa direção.

A ação, ela tem uma possibilidade de articulação do sentido muito maior do que o verbal. Então quando a gente monta um **experimento** [...] vamos supor que um cliente está com uma situação com o pai: então vamos trazer o pai para cá, pego uma cadeira e vamos sentar o pai... Então quando uma pessoa age, você tem... abre muito mais possibilidades descritivas para o cliente, porque por mais que ele esteja falando, lembrando e até gesticulando e fazendo expressões não verbais para o pai, quando ele age, ou seja, ele levanta para falar com o pai, esse levantar para falar com o pai já vai ter uma série de ações que informam sobre essa relação com o pai. Então [...] todas essas ações, elas revelam coisas que verbalmente você não tem como captar.

Ampliando essa gama de possibilidades de vivência no não verbal através da experimentação clínica, aqui-e-agora, trago **Sorriso** e **Postura** através dos fragmentos escolhidos a seguir:

Então criar cena é trazer mesmo assim, quando foi que isso aconteceu? Aí eles relatam um fato e eu digo: "Vamos **experimentar** isso aqui de uma outra forma?" Então, "Você estava aonde?"... Eu crio a cena para eles entrarem mais [...]; é uma cena dramática. E aí, então: "Vamos tentar agora...". E aí sempre surge aquele: "Ah, eu já sei! E aconteceu assim...": "Não! É agora! Como se fosse novo." E a gente vai experimentando e vai vendo quais são as possibilidades. [...] nós pedimos para eles **experimentarem** numa discussão, ela ser ele e ele ser ela. Como se eles se incorporassem um no outro. E a gente pediu para eles evidenciem o corpo também, tom

de voz, corpo, os assuntos [...] E foi muito rico em vários aspectos. Ah, sim! A propósito de dificuldade no contato físico, uma das coisas que eu sempre faço é que cada um se toque; eu nunca proponho que vá direto para tocar o outro, porque às vezes é muito forte para eles e é... Eles não estão acostumados a se tocar.

Eis que, diante de tamanha presença do experimento gestáltico, se faz prudente tecer algumas apreciações sobre o tema. Viver experiencialmente o processo de terapia como a vida, como Giordani (2010) se refere, não demanda passar necessariamente por uma proposta concreta de ação. Isso pode ser feito de maneira tão sutil, que espontaneamente, terapeuta e clientes se vejam envolvidos, experimentando na própria relação. Afinal, na Gestalt-terapia a relação terapêutica é considerada um experimento em si (GORENSTIN; PINHEIRO, 1994; PINTO, 2009; RIBEIRO, 1991). Um exemplo disso pode ser vislumbrado na reação de Olhar, frente a um casal que iniciou uma briga, numa sessão de Gestalt-terapia de Família:

[...] O casal era passivo-agressivo. Ela realmente sabia como (Olhar fala estalando os dedos) acionar o gatilho. [...] e aí começou: os dois começaram num grau de agressão, de agressividade, e falar, e aquela coisa começou assim, num crescendo, e aí eu levantei da cadeira e anunciei: “Fim do primeiro *round*!” (Olhar está posicionada em pé, com os braços e as pernas abertos como um juiz que está apartando uma briga no ringue). Até porque o cara tinha se levantado. “Você! Para sua cadeira!” (apontando o dedo, fala em tom de ordem) “Você, aí!” (aponta mostrando como sinalizou para onde o outro deveria se sentar). Isso é carregado de muita informação analógica⁶. Porque não foi só o verbal. Eu me posicionei entre eles e numa posição de juiz mesmo. Bom, se aqui é um *round*, é uma briga, então: fim do primeiro *round*! E foi impactante para todo mundo; e importante.

⁶ “Informação analógica” é uma forma, própria da abordagem sistêmica, de se referir à comunicação não verbal (WATZLAWICK et. al. 2007).

Esse episódio traz à luz também a pertinência de que a formação de um experimento deve sempre estar em contexto com o que está se fazendo presente no campo terapêutico, de acordo com os pressupostos fenomenológicos e existenciais da Gestalt-terapia, caso contrário, estaria sendo reduzido à simples aplicação de uma técnica. E a Gestalt-terapia não trabalha com a técnica pela técnica, como alerta Salomão (2007), mas pode valer-se de seu uso enquanto recurso terapêutico, de maneira alinhada com os referenciais epistemológicos e objetivos da abordagem. A esse respeito, **Sorriso** comenta:

Bom, parênteses: vale dizer que tudo que eu trabalho e esses recursos que eu uso estão dentro de um **contexto**. Dentro do tema que eles estão trazendo. Eu não proponho exercício sem ter a ver com o que está acontecendo no momento porque senão seria uma dinâmica de grupo e pronto. Não é isso! O objetivo é terapêutico, é mudança [...] eu sei que você já sabe isso, não é? Mas só para sustentar como é meu trabalho [...] Então, é claro que esse não é o trabalho todo, a partir disso abre para aprofundarmos no trabalho terapêutico.

E nessa direção dos possíveis recursos terapêuticos contextualizados e que envolvem a participação ativa do terapeuta em sua experimentação, de maneira mais natural e imediata ou até com pausa para que um pedido de permissão para a sua realização seja feito, forma-se como figura comum, o espelhamento. Dessa forma, o gestalt-terapeuta reproduz certa ação do casal ou da família, para que eles possam ver a si próprios, como num espelho.

Eu faço uma reprodução com a técnica da **espelhagem**. [...] Eu reproduzo o gesto. “[...] você reparou que quando ela estava falando, você fez um gesto na tua face?”. “Não, não reparei.”. “Eu vou tentar reproduzir para ver se te ajuda, pode ser?”. “Pode ser.”. “Eu acho que você fez um gesto mais ou menos

assim.”. (reproduz) *Aí eu faço!* [...] Então, focalizar, **espelhar** - mostrar como a pessoa está expressando - **espelhar** para ela. Eu faço bastante **espelhamento**. Com muita delicadeza, porque o **espelhamento** é algo que eu percebo que mobiliza muito as pessoas. Porque dependendo de como elas foram criadas e educadas, *et cetera*, pode cair num terreno de se sentir criticada, pode cair num terreno de se sentir muito exposto. O **espelhamento** ele mostra muito, então para fazer um **espelhamento** eu costumo fazer até um pedido de permissão para devolver.

Já, de maneira bem inusitada e criativa, o que compreendo como uma adaptação do espelhamento é relatada por **Postura**. O contexto é de uma sessão de Gestalt-terapia de Casal, realizada em sala com espelho unidirecional, num momento em que **ela** se encontrava atrás do espelho, ocupando o lugar de membro da equipe reflexiva⁷:

[...] E aí a **tecnologia** ajuda a gente, não é? Porque eu fui lá, **tirei uma foto** com o meu celular, porque eu ia entrar... Eu falei, eu vou usar isso aqui, eu não sei como... [...] Quando eu entrei, eu coloquei o quanto tinha uma dissonância entre o que eles diziam e o que eu via e que eu queria mostrar para eles o que eu estava vendo, se eles concordavam, e aí eu **mostrei a foto** deles dois sentados e falei: “Estou apagando agora.”, e apaguei na mesma hora. [...] Eles tomaram um susto! Com algo que já tinha sido sinalizado verbalmente de outras formas.

O contato com essa narrativa me leva a refletir sobre os possíveis benefícios que a tecnologia pode trazer para o campo do não verbal na Gestalt-terapia. As microexpressões faciais das emoções, por exemplo, estudadas por Ekman (2011) através da fotografia, filmagem e utilização de *softwares* com efeitos de câmera lenta, permitiram uma grande aproximação do homem a estes pequenos

⁷ A prática de atender casais e famílias com a presença de equipes reflexivas foi introduzida por Tom Andersen (1991), na Terapia Familiar Sistêmica.

gestos. Por que não então, utilizar recursos de imagem no contexto da psicoterapia a serviço de uma maior consciência do cliente? Logo de imediato, se faz inevitável ao pensar sobre o assunto, não ter outros questionamentos despertados, tais como: “Como se sentiriam os casais e as famílias sob o olhar de uma lente preestabelecida?”; “Será que a fluidez espontânea desses membros não ficaria tolhida frente a esses recursos? Ou seria naturalmente exagerada, como se fossem atores e atrizes num episódio de gravação?”. Ficam aqui algumas interrogações sobre esse poderoso meio de reprodução da imagem de nós mesmos.

O fato é que quando se trata de usar a relação terapêutica como o próprio instrumento de trabalho, o não verbal aparece com todo vigor na prática dos gestalt-terapeutas participantes. E para além do espelhamento, **Olhar** declara:

Eu queria dizer o seguinte: eu também uso muito o não verbal. Primeiro porque eu sou careteira, careteira que eu digo é assim... **expressiva...** É! E aí desde sempre eu me autorizei a não usar cara de paisagem e utilizo minha expressão, inclusive, estrategicamente. Como você está vendo aí agora: se eu fiquei espantada eu arregalo o meu olho mais ainda (fala demonstrando, de forma engraçada). Eu digo: “Não! Eu não acredito que vocês saíram de casa, estão pagando esse valor todo numa terapia e vocês vão fazer aqui o que vocês fazem lá. É isso mesmo?” [...] então, eu faço um exagero... muitas vezes eu uso muito o humor. [...] Eu uso muito o meu corpo; eu levanto [...] Então, tem [...] também a minha própria linguagem analógica que está ali o tempo inteiro! Os clientes veem. Os clientes não são cegos. Tem clientes que, ou família ou casal, várias vezes já me falaram: “O que é que está acontecendo? Do que é que você não está gostando? (risos nossos)”.

Prontamente, a comunicação não verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família assume uma outra dimensão revelada: a do “[...] e eu; eu me uso muito.” Isto é, a do não verbal do terapeuta, que aponta para uma amplitude do não verbal que ultrapassa as fronteiras da conjugalidade, da familiaridade e até da relação terapêutica, para o não verbal [...] do campo! Afinal, o [...] nosso trabalho

terapêutico trabalha com o **método fenomenológico de campo**, vemos o quanto é importante qualquer comunicação não verbal, ou seja, tudo o que aparece.

O termo “campo”, desvelado nas narrativas de **Olhar** e **Sorriso** acima, remetem à Teoria de Campo de Kurt Lewin, que segundo Rodrigues (2007), claramente influenciou os criadores da abordagem gestáltica, tornando-se referência para os gestalt-terapeutas contemporâneos. Nesse contexto, o princípio fundamental do pensamento de campo que se faz figura, refere-se à necessidade de uma atitude de respeito frente à complexidade existente no processo da Gestalt-terapia com relacionamentos íntimos; que demanda que em face à diversidade dos elementos não verbais do *self* em relação e dos que compõem o cenário da psicoterapia, estes sejam considerados de forma integrada. Dado que [...] *a gente, como trabalha quando uma figura emerge, essa figura não emerge com o cliente, essa figura não emerge comigo, essa figura emerge no **campo**. Ou seja, na nossa relação.*

Essa colocação de **Gesto** alude à condição de ser humano da abordagem gestáltica, de que somos, inevitavelmente, seres-em-relação (RIBEIRO, 1998) e por isso, tudo o que existe, existe em relação a algo ou a alguém. A referida narrativa traz também a presença do fenômeno nomeado por Lobb e Lichtenberg (2005), “totalidade dialógica”, o qual se configura pela relação terapeuta-cliente(s), na qual a comunicação afeta e reverbera em seu conjunto de percepções mútuas. Assim sendo, os membros presentes no *setting* da psicoterapia não devem ser reduzidos a meras entidades independentes. Logo, também não é isento de correlação o que comunicam não verbalmente entre si, tampouco o sentido dado a esta comunicação. Sobre essa questão do sentido, no tocante ao modo não verbal de se comunicar, **Gesto** atribui grande destaque, abordando-a como preâmbulo necessário à sua resposta à pergunta inicial da pesquisa.

[...] A gente vai precisar falar um pouco da questão do fundamento da Gestalt-terapia, porque o entendimento dessa questão não verbal tem a ver com uma questão em relação a como é que a gente vê essa linguagem para não entrar no caminho classificatório que é o que a Gestalt terapia critica. O que é que significa isso? Você vai ter um livro, por exemplo, chamado "O corpo fala". "O corpo fala" é um livro clássico dessa questão da linguagem não verbal. Você pode ter uma estatística te fundamentando que um determinado gesto significa uma determinada coisa. Que uma determinada expressão do rosto tem um determinado significado. E aí essas estatísticas, elas acabam produzindo um sentido prévio, como é "O corpo fala", que é um sentido prévio do que é que determinado gesto, do que determinada postura, do que determinada expressão facial significa. A Gestalt terapia, não é nem por essa questão do corpo, é pela questão do que é que está implícito quando você lida com o ser humano com conhecimentos prévios. Essa questão é que a Gestalt terapia já critica. Ou seja, nossa fundamentação fenomenológica, ela nos faz trabalhar com aquilo que se apresenta, como se apresenta e enquanto se apresenta. Então a gente vai sempre tentando tomar o conhecimento, o contato, a *awareness*, ou seja, você trabalhar com aquilo que está disponível, que está surgindo no encontro.

Nesta consideração, *Gesto* levanta pontos bem importantes sobre a prática clínica gestáltica. Primeiramente, destaco a fundamentação fenomenológica que assim como Zinker (2001) e Wheeler (1994/2001) discorrem, orientam para o respeito à singularidade existencial de cada cliente, na medida em que seus *selves* se desvelam. É necessário olhar para cada pessoa da maneira como ela aparece no aqui-e-agora, trabalhando com esses dados para facilitar o aumento de sua consciência pessoal – e, ao mesmo tempo, da nossa própria consciência enquanto terapeutas. A busca é pelo conhecimento do/no campo. Portanto, não há uma tentativa de análise a partir de conhecimentos prévios nesse movimento, mas a

procura de construir sentidos juntos, para o que se mostra, enquanto se mostra e onde se mostra. Como no relato a seguir:

[...] O lance é que a gente precisa sempre ver o contexto daquilo ali. Como é que é o conjunto de informações; porque da mesma maneira você pode ter uma cliente que fala e que quando ela entra numa situação de um determinado tema que a gente trabalha ela começa a fazer assim: "hehehe" (riso "sem graça"). Se você pega esse gesto: é um sorriso. Ela está rindo; mas ela não está alegre. [...] Então por mais que você possa ter estatisticamente determinados gestos ligados a determinadas emoções, nem as emoções você pode ter certeza se efetivamente é aquilo que está acontecendo no campo. Então o que eu estou querendo dizer é que só o campo pode dizer.

Mas como assim o campo é que vai dizer? Quem dá voz a este campo, afinal? A partir do discurso de *Gesto* e da lembrança do conceito de relação dialógica de Hycner (1995) – referente a um tipo de interação específica entre os seres humanos, na qual existe o desejo verdadeiro de encontrar o outro, respeitando-se para tal, a alteridade – compreendo que a comunicação no "entre" terapêutico é enfim, a porta voz do sentido. Para tornar mais claro: o sentido é construído e revelado quando o terapeuta aponta para os casais ou familiares como está vendo-os em seu processo, como percebe suas interações, como é afetado por eles, intercorporalmente, enquanto parte do campo; e, em interação, os clientes confirmam ou não a percepção colocada, dão novos sentidos, se percebem, inventam e significam. Por isso, ao falar sobre a formação do sentido na Gestalt-terapia com casais, *Gesto* aponta que é fundamental checar com o campo.

[...] O que é que é checar com o campo e não checar com as pessoas? Checar com o campo é porque eu estou incluído. [...] Quando eu estou

trabalhando com casal, nós três, não é? Então o sentido das coisas elas emergem no campo, porque tem a ver com o fato de que estão comunicando alguma coisa para mim e tem a ver com alguma coisa que eu estou elegendo perguntar.

Contudo, ainda que o gestalt-terapeuta seja parte no processo de construção do sentido, a atitude de checar implica que alguém profira a palavra final, ou em termos não verbais, expressem por outras vias que não a da palavra, os seus próprios sentidos. Neste caso, afirma-se que em Gestalt-terapia quem dá o sentido do gesto, quem diz o que é que está acontecendo ali é o cliente. Então eu acho que o terapeuta precisa perguntar para o cliente. Claro! [...] são as pessoas que têm que dizer. Elas que dão sentido. Elas que dão sentido o tempo todo. É como eu te disse, eu trabalho com a experiência fenomenológica do cliente. [...] Ele dá o nome ao que ele está sentindo.

Porque o grande lance de fato não é qual é o sentido para mim. [...] O que serve é qual é o preenchimento de sentido. Por uma questão muito simples: a terapia não é para mim, a terapia é para aquela pessoa. Então, o grande lance é como a pessoa vai perceber o que ela está comunicando ao mundo e principalmente não é para ela saber o que ela está comunicando ao mundo. Na verdade, principalmente, é para ela ter consciência do que ela estava fazendo para não ter consciência. Não é? A gente trabalha com a awareness. Então, a ideia não é exatamente saber qual o significado do gesto, mas saber o que é que estava acontecendo para ela não ter percebido que ela fez alguma coisa. A ideia é que cada vez mais profundamente a pessoa possa se conhecer e perceber o que está fazendo para ela atualizar as suas escolhas, e saber o que ela está querendo de fato fazer ou não.

Em concordância com essa colocação, trago o enfoque dado ao “como” e não ao “porque” no processo da Gestalt-terapia, que trabalha com a *awareness* e

para a *awareness*. Inclusive, essa parece ser uma das características mais peculiares desta abordagem. Com base na crença, segundo Perls (1977) e Zinker (2001), de que o que impede os casais e familiares a se ajustarem criativamente em direção a contatos saudáveis está no modo como eles se relacionam – ou seja, em seu processo – e não em seus conteúdos, desde o início do contato com o terapeuta a atenção deste será em facilitar a *awareness* daqueles para este “como” Esta prática está bem ilustrada por **Postura** e **Olhar**:

[...] eu já observo a chegada deles; **como** eles se colocam, **como** eles se sentam, que conforto eles buscam [...] a forma **como** eles se organizam aqui não verbalmente, assim, fala muito de **como** eles funcionam. Esses pais nunca se sentaram um ao lado do outro; eles sempre se sentam, eles se organizam com os filhos entre. E eles, muitas vezes vão elegendo um para ficar de foco. O encrencado da semana! E muitas vezes o encrencado da semana acaba sentando aqui (faz referência à cadeira em que está sentada). [...] Eu já tive com eles umas cinco consultas; em nenhum momento eu percebi um movimento de aproximação do subsistema parental. Eles estão sempre com os filhos no meio. E foi muito interessante porque na consulta anterior a gente mexeu um pouco na relação parental, em termos até de organização da casa, de **como** eles dormem... Na sessão seguinte a mãe não veio na consulta, tinha um motivo “grandioso”; veio o pai... E na semana seguinte eles vieram com a corda toda, com todas as queixas no filho que aqui estava sentado. Fisicamente até! Porque aí ele fica aqui e é como se fosse um tribunal mesmo! [...] Isso é uma coisa importante que eu costumo bastante chamar a atenção das pessoas: não só para **o que** as pessoas falaram, mas para o **como** elas falaram, o **como** elas falam. [...] por exemplo, eu faço uma intervenção que é: “É assim que você a mantém com medo de você? É com essa pose que você mantém ela com medo? Porque eu te vendo crescer assim na cadeira eu fiquei assustada”. (coloca para o marido) [...] “E olhando, eu estou vendo que você de fato está se encolhendo. É assim que você fica? Vai ficando invisível?” (fala direcionada para a esposa).

A sequência atenta a esses dois exemplos clínicos me desperta a confiança para fazer a seguinte consideração: se tão caro é o “como” à Gestalt-terapia, como poderia não ser a comunicação não verbal se esse modo é dito exatamente por esta via? Como nos organizamos; como nos expressamos; como interagimos; como sentimos; como falamos e com que palavras (afinal, o “como” verbal é tão importante quanto o “como” não verbal)? As respostas a essas perguntas podem ser encontradas ao se contatar com o não verbal! E como o meio e objetivo do trabalho gestáltico é a *awareness* e as pessoas ao mesmo tempo em que **comunicam muito, muito mais não verbalmente**, possuem pouca consciência desse tipo de comunicação, como apontam Perls (2002) e Ekman (2011), abordá-la é de uma importância inominável. Na tentativa de descrever um pouco dessa relevância, têm-se as seguintes narrativas complementares de **Sorriso** e **Postura**:

Trabalhando com o não verbal, **mais facilmente surge a conscientização necessária para a mudança**. [...] é um recurso técnico poderoso porque **as pessoas não se dão conta do que elas estão expressando não verbalmente**. Só focalizar o não verbal já favorece muito mais que a pessoa faça contato consigo, com o que está passando para o outro, que às vezes nem ela mesma sabe passar ou sabe que está passando. [...] Cada um se prende ao que o outro está falando e não ao como. [...] Desta forma, o terapeuta, ao observar o não verbal, tem instrumentos para acompanhar o casal utilizando aspectos que o próprio casal não consegue perceber. Quando eu estou atendendo os casais e as famílias aqui no consultório, **geralmente é o que traz a grande mudança**. “Nós estamos aqui querendo muito.” (fala sem muita energia) – sentado largado na cadeira. “Eu estou muito tranquila. Estou *super* a fim de ficar aqui.” – na ponta da cadeira, quase indo embora. [...] é uma ferramenta que eu vejo fundamental e é diferente para a maior parte dos clientes, porque [...] **eles não estão acostumados a se observar quando falam; como se posicionam**. [...] se eu fosse fazer uma proporcionalidade, quando eu aponto algo não verbal, geralmente é algo mais novo.

As falas de clientes, reproduzidas por **Postura**, são bons exemplos para ressaltar um fenômeno comum que envolve o não verbal: a incoerência entre a comunicação falada e a expressa além da fala. Nessas situações, **eu acho que acompanhar o não verbal é o termômetro do que está se passando verbalmente ali.** **Porque na verdade a questão não verbal ela sempre é uma pista, não é?** Sim, e quando se apresenta em desarmonia com o verbal pode revelar as mais diversas formas de resistências; que também conhecidas como mecanismos de defesa/adaptação são centrais para a manutenção da saúde nas relações ou, ao contrário, para o insucesso e adoecimento nas mesmas. (GINGER; GINGER, 1995; POLSTER; POLSTER, 2001; ZINKER, 2001).

Se o contato será saudável ou não vai depender de diversos fatores, como a frequência, a intensidade, a rigidez e sem dúvida, o nível de consciência que se tem quando as resistências fazem parte do processo de ajustamento criativo; e como o aumento da consciência é um movimento incessante na abordagem gestáltica, nesses casos em que a contradição se faz presente, uma atenção merecidamente especial é concedida:

Aquela pessoa que fala: “Eu estou muito interessada em você; estou muito interessada em nosso casamento (fala de forma lenta, com pouca energia).”. E você olha e: (faz cara de pouco interesse). Ora, a fala é enlouquecedora. **Porque o verbal está fornecendo uma informação e o não verbal está dando outra.** E o parceiro percebe isso; percebe isso, mas ele não é formado em Gestalt terapia. [...] “Ah, eu estou chateada com o meu marido porque ele não me escuta, porque ele não presta atenção em mim” – e falando dele: “Eu amo muito ele!” – mas com uma cara de ódio, com os punhos cerrados... “Eu estou aberta para discutir!” – de braços e pernas cruzadas... “Eu quero ouvi-lo!” – olhando para a janela, lá para o Cristo Redentor. [...] **um cliente que eu atendi que ele chega à terapia dizendo assim: “Não, mas eu estou muito tranquilo; eu só tenho um problema: eu não sinto raiva!”** (fala com voz bem calma, em tom baixo) [...] **Aí várias situações, um ano e meio depois, a gente já por um bom tempo de terapia, passou por um monte de situações que nego sacaneou ele a torto e a**

direito. Aí ele falava o seguinte: "Poxa, as pessoas lá do meu trabalho, sabe? Poxa, fizeram uma sacanagem comigo! Eu não sei por que acontece comigo... Quando acontece eu fico muito triste!" (expressa raiva com o corpo quando fala) Entendeu? Então, o Gestalt-terapeuta pode entrar mostrando essa contradição.

Afinal, as incoerências entre o verbal e o não verbal são responsáveis por muitos não ditos e mal ditos. [...] as incongruências entre o que é dito e o que é expresso não verbalmente criam verdadeiras guerras entre os pares. [...] Por exemplo, um dos membros expressa determinado sentimento, mas verbalmente diz que sente outra coisa e a partir daí surge uma dúvida sobre o que é verdade, mesmo quando a dupla não está consciente disso. A Gestalt terapia, ela não trabalha com interpretação, não é?⁸ Você favorece que a pessoa descubra ou entre mais em contato com aquilo que está acontecendo; com que o casal entre em contato com aquilo que está realmente acontecendo. Então como a gente trabalha com interação, o trabalho de casal já é maravilhoso por causa disso; embasado na Gestalt terapia. Porque nessa interação existe uma série de coisas que um comunica ao outro sem se dar conta. Então, focalizar, espelhar, mostrar como a pessoa está expressando, [...] descrever o que eu estou vendo. [...] Normalmente o que eu faço é descrever o que eu estou vendo. [...] descrever [...] Descrevendo...

Logo, a descrição fenomenológica, método que orienta a prática gestáltica, segundo Aguiar (2014) – se faz figura. Independente de todos os outros recursos terapêuticos até então citados, revela-se mister como meio para proporcionar os clientes a perceberem a si mesmos no momento em que acontecem. A essa forma de facilitar a *awareness*, **Postura**, de maneira pertinente, faz uma ressalva:

⁸ Sobre essa questão da interpretação na Gestalt-terapia, ver a nota de rodapé n. 4, p. 39.

Eu preciso usar isso com atenção [...] Por que é que eu estou falando disso? É porque eu me preocupo com essa coisa do faça fácil [...] As pessoas então começam a fazer as intervenções: “Ah, então tá! É só eu descrever e pronto!”. Quando eu descrevo eu tenho um compromisso e uma responsabilidade. Eu trago à luz coisas que ele não estava vendo. Então eu preciso acompanhar, eu não posso impor a ele a minha visão. É uma descrição gradativa. Por mais que eu terapeuta ache que: “Nossa, como é óbvio!”; é óbvio para mim que tenho esses óculos para a vida. Para você não. [...] E aí é o grande exercício que a gente faz no uso dessas informações não verbais, de ser o máximo descritivo. E cuidar da nossa interpretação sabendo que é nossa. [...] Porque senão vira uma outra arbitrariedade, tem gente que fala da arbitrariedade da interpretação verbal, também pode ser. Então tomar muito cuidado. Eu acho muito bacana poder falar disso com mais especificidade; eu espero que te permitam falar DISSO mesmo. Ajudei? Muito! [...] Valeu? Valeu!

FORMANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A narrativa construída no capítulo anterior, de acordo com os objetivos e métodos propostos, permite a formação (*gestaltung*) de algumas considerações sobre o novo revelado em sua totalidade.

Antes de dar início ao processo de elaboração de tais formas (*Gestalten*), se faz crucial reiterar que: toda compreensão ou reflexão a ser realizada refere-se ao campo da experiência dos gestalt-terapeutas participantes em articulação com os pressupostos teóricos dos capítulos 1 e 2, e a presença da pesquisadora implicada na pesquisa. Portanto, não há intenção de generalização do conhecimento a ser exposto, mas a possibilidade de que este “toque” outros campos pertinentes.

As figuras que emergiram ao longo da construção de sentidos na narrativa única (destacadas em negrito e sublinhadas) apresentaram um caráter temático e, por isso, serão denominadas figuras temáticas. A partir de agora, essas figuras assumirão a função de orientação na sequência das considerações acerca da narrativa em questão. Foram oito principais figuras temáticas, algumas com outras figuras associadas, como uma constelação temática. Elas serão evidenciadas a seguir (em negrito), acompanhadas das devidas apreciações a seu respeito.

- 1) **Importância**: o lugar da comunicação não verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família foi revelado como sendo de **importância** essencial. Esse fenômeno foi embasado nos pressupostos gestálticos oriundos da **Teoria de Campo**, da **Psicologia da Gestalt**, e também pela visão **holística** de ser humano própria dessa abordagem. Assim, pode-se considerar que antes mesmo da abertura para o atendimento a casais e famílias, o não verbal sempre foi crucial na Gestalt-terapia, por ser parte.

No entanto, percebeu-se que a comunicação não verbal pode assumir maior ou menor destaque na prática do gestalt-terapeuta de casal e família (o que se torna possível pela sua própria condição de ser parte do organismo humano). Isso pode ocorrer, inclusive, entre aqueles que dão maior ênfase a

essa forma de comunicação. Ou seja, assim como o processo de formação figura-fundo, o “verbal-não verbal” pode fluir num movimento em que ora um aspecto é ressaltado, ora o outro vem à tona, de acordo com o contexto do atendimento clínico. O importante é que sempre há a possibilidade de contatar um e outro e que eles estarão sempre inter-relacionados.

Como um dos aspectos que podem vir a influenciar no destaque dado à comunicação não verbal pelo gestalt-terapeuta de casal e família, além da afinidade por esta forma, esteve a formação profissional do mesmo. Em especial, o contato com formadores que valoram o **experimento**. Logo, compreende-se que o privilégio por esse modo de se comunicar pode dizer de uma questão de herança e estilo.

- 2) **Experimento**: desvelou-se um rico recurso para a emergência e trabalho no não verbal, na abordagem gestáltica com casais e famílias. Isso ocorreu devido a este ser visto como pertencendo à esfera da ação, da emoção, do sentir, e, nestes âmbitos, considerou-se que o não verbal pode aparecer e ser percebido de certas maneiras que verbalmente não seria possível.

A relação terapêutica como um **experimento** em si também se mostrou uma possibilidade de experiência na dimensão do não verbal, à medida que a comunicação não verbal do terapeuta pode ser utilizada de modo estrategicamente interventivo. Essa possibilidade sugere que mesmo de forma não deliberada, e não necessariamente partindo de uma ação do terapeuta, o não verbal pode ser experienciado na relação terapêutica, visto que, intercorporalmente, terapeuta e clientes afetam-se e são afetados contínua e mutuamente.

A importância de se considerar o **contexto** da sessão no momento em que se recorre ao **experimento** também foi ressaltado. Em respeito à perspectiva fenomenológica da Gestalt-terapia, mostrou-se que o **experimento** deve estar de acordo com o que emerge no aqui e agora da sessão, principalmente quando este é utilizado como um **recurso terapêutico**.

- 3) **Recursos terapêuticos:** alguns **recursos terapêuticos** foram contemplados no processo de gestalt-terapia com casais e famílias, como meio de trabalhar no não verbal. Foram eles: o **espelhamento**, a **focalização**; a **dramatização**, o **não verbal do terapeuta** e a **tecnologia (fotografia, filmagem, softwares de câmera lenta)**. Vale ressaltar a importância da dimensão da criatividade e do improviso na construção e utilização desses e de qualquer outro recurso; o que confere um caráter ilimitado na criação dos mesmos, desde que sejam coerentes com o método e objetivo de *awareness* da abordagem.

- 4) **Comunicação não verbal como um fenômeno de campo:** a comunicação não verbal sob a ótica gestáltica revelou-se em toda sua complexidade, como um **fenômeno de campo**. Nessa perspectiva, o não verbal vai além do cliente e do terapeuta, em relação – que contempla a visão gestáltica de ser humano enquanto um ser em relação – para o não verbal do campo – que abrange a condição do ser em relação no mundo. Isso inclui todos os aspectos presentes no meio como, por exemplo, a arrumação do ambiente terapêutico.

- 5) **Sentido:** o **sentido** da comunicação não verbal foi considerado na complexidade dos elementos que coexistem em relação, no campo da psicoterapia. Revelado como resultado de uma construção entre o gestalt-terapeuta e os clientes – na qual a palavra destes serve como porta voz de tal formação – pode-se afirmar que o **sentido** do não verbal é respeitado em sua singularidade existencial na Gestalt-terapia de Casal e Família.

Desse modo, o ponto de vista de cada familiar ou membro da terapia de casal deve ser respeitado, afinal não se trabalha em Gestalt-terapia com **sentidos** prévios. Isso vai contra a fundamentação fenomenológica e existencial próprias da abordagem.

- 6) **“Como” versus “o que”:** a atenção ao processo (ao **“como”**) na Gestalt-terapia com casais e famílias apareceu além do meio para compreender e se

trabalhar as interferências para que relacionamentos saudáveis sejam vividos. Não em exclusão ao conteúdo (“**o que**”), mas como figura tendo este como fundo, o “**como**” mostrou-se uma rica via de contato com a comunicação não verbal. Isso porque essa forma de comunicação se faz presente exatamente em **como** os casais e familiares se relacionam entre si, no mundo.

Colocar em figura o “**como**” também se revelou fundamental pelas afirmativas encontradas de que **as pessoas comunicam muito mais não verbalmente** e também de que **as pessoas, geralmente, não se dão conta do que elas estão expressando não verbalmente**. Nesse sentido, como a abordagem gestáltica com casais e famílias trabalham com a *awareness* e para a *awareness*, **trabalhando com o não verbal, mais facilmente surge a conscientização necessária para a mudança**, ou ainda, **geralmente, é o que traz a grande mudança**. Portanto, pode-se concluir que a comunicação não verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família é um “**como**” valioso.

- 7) **Incoerências entre a comunicação verbal e a não verbal**: a contradição entre o que é expresso verbalmente e além da fala desvelou-se um fenômeno bastante comum e importante no processo terapêutico de relacionamentos amorosos e familiares. *Per se* denota a ausência de *awareness* do sujeito, e faz com que para o gestalt-terapeuta **acompanhar o verbal seja um termômetro do que se passa verbalmente** na sessão.

- 8) **Descrição fenomenológica**: o método gestáltico de descrição fenomenológica na Gestalt-terapia com casais e famílias foi trazido à tona com certas ressalvas: as de que o profissional tenha a atenção devida às dimensões do **compromisso** e da **responsabilidade** nessa prática. Ele não devendo simplesmente descrever o óbvio como se este o fosse também para os clientes; pelo contrário, muitas vezes as pessoas não estão se dando conta do que pode vir a ser descrito. Especialmente na esfera do não verbal, pois como foi visto a pouca consciência sobre esse modo de comunicação

ainda se faz bastante presente entre aqueles que convivem nas fronteiras da intimidade.

Afora as considerações formadas a partir das figuras temáticas, tendo-se em vista o trabalho como um todo, um aspecto demandou maior atenção e merece ser colocado: a carência de estudos específicos sobre o tema da comunicação não verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família, sendo este de relevância reconhecida e autenticada na pesquisa. Diante disso, investir em estudos com essa temática na abordagem gestáltica, a fim de enriquecê-la em sua fundamentação teórico/prática, apresenta-se como provocação. Inclusive, utilizando-se recursos de filmagem, para que o não verbal possa ser contemplado de maneira mais plena.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

ALVIM, M.B. A ontologia da carne em Merleau-Ponty e a situação clínica na Gestalt-terapia: entrelaçamentos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia , v. 17, n. 2, dez. 2011 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar. 2015.

_____. O fundo estético da Gestalt-Terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia , v. 13, n. 1, jun. 2007 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2015.

ANDERSEN, T. **Processos reflexivos**. Rio de Janeiro: Instituto NOOS: ITF, 2002.

BARRETO, C.L.B.T. Ação Clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais. **Tese de Doutorado em Psicologia**, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BENJAMIM. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUARQUE, 2007 In D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: gestaltês**. São Paulo: Summus, 2007.

CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta**. Uma abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Laços e nós: amor e intimidade nas relações humanas**. São Paulo: Agora, 2009.

CARDELLA, B.H.P. 2014 In FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. – (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas 2)

CIORNAI; FERNANDES, 2001 In ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos**. São Paulo: Summus, 2001.

CLARICE, L. **Entrevista de rádio**. 1977. Disponível em:
<http://pt.wikiquote.org/wiki/Clarice_Lispector> Acesso em 15Fev 2015.

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Da intersubjetividade à intercorporeidade: contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade. **Psicologia USP**. 2003, vol.14, n.1. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar 2015.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELACROIX in D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 2. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Summus, 2012. [online] Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=qTAoBgAAQBAJ&pg=PP1&dq=gestaltes&hl=pt-BR&sa=X&ei=2IVRVe2kJcHbsATdh4CQDA&ved=0CCcQ6AEwAQ#v=onepage&q=delacroix&f=false>> Acesso em: 13 Fev 2015.

DENTZ, R. A. Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty. **Intuitio**. 2008, vol.1, n.2. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4238/3356>>. Acesso em: 01 mar 2015.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções: revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor**. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

FRAZÃO, 2013 In FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. – (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas)

GINGER, S.; GINGER, A. **Uma terapia do contato**. Tradução de Sonia de Souza Rangel. 2. ed. São Paulo: Summus, 1995.

GIORDANI. Os experimentos na abordagem gestáltica. **Gestalt em Movimento**, 2010. Disponível em: <<http://gestaltemmovimento.com.br/2010/08/os-experimentos-na-abordagem-gestaltica/>> Acesso em: 13 Nov 2014.

GALLI, L. Comunicação contemporânea: uma visão da Fenomenologia, Gestalt-terapia e Hermenêutica. **Tese de Doutorado em Comunicação Social**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <http://www.igestalt.psc.br/tese_loeci.pdf>. Acesso em: 14 Fev. 2015.

GONÇALVES, R.R; GARCIA, F.A.F.; DANTAS, J.B.; EWALD, A.P. Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. 2008, ano 8, n.2. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a19.pdf>>. Acesso em: 01 mar 2015.

GORESTIN, B.; PINHEIRO, M.E. A relação terapêutica na Terapia Familiar Sistêmica Construtivista e na Gestalt-terapia: uma breve reflexão. **IGT na Rede**, Vol. 2, No 3. 2005. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/view/1732/2379>> Acesso em: 05 Jul. 2014.

GREGORY, S. Brething into contact. **The Gestalt Journal**. vol XXIII, n. 2. 2000. Disponível em: <<http://www.gestaltsing.com/pdfs/BreathingIntoContact.pdf>>. Acesso em: 15 Fev. 2015.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. 3. Ed. São Paulo, Summus, 1995.

JULIANO, J.C. Gestalt-terapia: revisitando as nossas historias. **IGT na Rede**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=33&layout=html> Acesso em 21 de Out. 2014.

JULIANO, J.C. In D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 2. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Summus, 2012.

LIMA, P., 2013 In FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. – (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas)

LIMA, P. Teoria organísmica. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 2.3, 05 08 2005. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=57>>. Acesso em: 17 Fev. 2015.

LOBB; LICHTENBERG, 2005 In WOLDT, A.L.; TOMAN, S.M. (Org.) **Gestalt therapy: history, theory, and practice**. California: Sage, 2005.

LYNCH, J. E.; LYNCH, B.; ZINKER, J. 2005 In WOLDT, A.L.; TOMAN, S.M. (Org.) **Gestalt therapy: history, theory, and practice**. California: Sage, 2005.

MENDES, F.M.P.; BARATIERI, I.L.R. Fronteiras do contato: gestalt terapia e as influências de Wilhelm Reich. In: Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, XVI, XI, 2011. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais%202011/MENDES;%20Francisco%20M%C3%A1rio%20Pereira;%20BARATIERI,%20Iara%20Lais%20Raitz.%20Fronteiras%20do%20contato.pdf>> . Acesso em: 02 Fev. 2015.

MÜLLER-GRANZOTTO, M.J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. Clínica dos ajustamentos psicóticos: uma proposta a partir da Gestalt-terapia. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <http://www.igt.psc.br> > Acesso em: 04 Out. 2014.

MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública** vol.9 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1993000300002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 Dez. 2014.

MORAES, V. Samba da Bênção. **Letra de música**. 1967. Disponível em: <<http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86496/>> Acesso em: 15 Jan 2015.

NICHOLS, M.P.; SCHWARTZ, R.C. **Terapia Familiar: conceitos e métodos**. 7. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ORGLER, S. 2007 In D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: gestaltês**. São Paulo: Summus, 2007.

PAES DA SILVA, M.J. **Comunicação tem remédio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PERES, M.B.; HOLANDA, A.F, A Noção de Angustia na Prática Clínica: Aproximações entre o Pensamento de Kerkegaard e a Gestalt-Terapia, **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 3, n.2, 2004. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v3n2/artigos/Artigo%206%20-%20V3N2.pdf>>

PERLS, F.S. **Gestalt Terapia Explicada**. 10. Ed. São Paulo, Summus Editorial, 1977.

_____. **Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo**. São Paulo: Summus, 1979.

_____. **Abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2. ed. Tradução de José Sanz. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

_____. **Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Tradução de Fernando Rosa Ribeiro. São Paulo: Summus, 1997.

PIMENTEL, A. (org.) **Gestaltens: pesquisas em educação, saúde e violências**. Pará: Amazônia Editora, 2012.

PINHEIRO, M. 2014 In FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. – (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas 2)

PINTO, E.B. **Psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica: elementos para a prática clínica**. São Paulo: Summus, 2009.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

REGO, Ricardo Amaral. A clínica pulsional de Wilhelm Reich: uma tentativa de atualização. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 35-59, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Fev. 2015.

REHFELD, A. O que diferencia uma abordagem fenomenológico-existencial das demais? In: PINTO (Org.). **Gestaltterapia**: Encontros. São Paulo: Instituto Gestalt de São Paulo, 2004.

RIBEIRO, J.P. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 8. Ed. rev. 2012.

RIBEIRO, W.F.R. A relação terapêutica como o experimento em si. **Revista de Gestalt**, v.1, n.1, 1991.

RIBEIRO, W. F. R. **Existência** → **Essência**: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais. São Paulo: Summus, 1998.

ROBINE, J. M. **O self desdobrado**: perspectiva de campo em Gestalt-terapia. Tradução de Sonia Augusto. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, 2007 In D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia**: gestaltês. São Paulo: Summus, 2007.

RODRIGUES, 2013 In FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. (Org.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013. – (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas)

SALOMÃO, S. 2007 In D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia**: gestaltês. São Paulo: Summus, 2007.

SILVEIRA, T.M. 2012 In PIMENTEL, A. (org.) **Gestaltens**: pesquisas em educação, saúde e violências. Pará: Amazônia Editora, 2012.

SILVEIRA, T.M. Caminhando na corda bamba: a gestalt-terapia de casal e de família. In. **IGT na Rede**. vol. 2, nº 3, 2005. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=48&layout=html>>. Acesso em 13 set. 2014.

SILVEIRA, T.M.; PEIXOTO, P.T.C. **A estética do contato**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2012.

SIQUEIRA, D. F.C.C. Psicodiagnóstico Interventivo/Colaborativo: uma prática psicológica na perspectiva fenomenológica existencial. **Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica**, Universidade Católica de Pernambuco, 2011.

TÁVORA, 2014 In FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. – (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas 2)

TEIXEIRA, F.; DOMINGUES, R. Percurso da Terapia Familiar Gestáltica no Rio de Janeiro. **Monografia de Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia** - IGT- Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar. Rio de Janeiro, 2005.

TELLEGEN, T. A. **Gestalt e grupos**: uma perspectiva sistêmica. São Paulo: Summus, 1984.

TURATO, E. G. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000300025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Nov. 2014.

VALE, K. S. A relação conjugal em debate: uma análise gestáltica. **Dissertação de Mestrado em Psicologia**, Universidade Federal do Pará, 2011.

VASCONCELLOS, M.J.E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papyrus, 2002.

WALLERSTEIN GOMES, P. Gestalt-terapia: herança em re-vista. **Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica**, Universidade Católica de Pernambuco, 2001.

WHEELER, G. 1994 In WHEELER, G.;BACKMAN, S. **On intimate ground**: a Gestalt approach to working with couples. California: A Gestalt Institute of Cleveland publication, 1994.

WHEELER, G. 2001 In ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia**: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos. São Paulo: Summus, 2001.

ZINKER, J. C. **A busca da elegância em psicoterapia**: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos. São Paulo: Summus, 2001.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

1. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa: “A Comunicação não Verbal na Gestalt-terapia de Casal e Família: construindo Possibilidades”.
2. Você foi selecionado(a), de forma intencional, a partir dos critérios de inclusão deste estudo, porém sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Instituição. Assim como, você não terá nenhuma despesa de transporte ou alimentação e caso haja necessidade, a pesquisadora se responsabilizará por tais gastos.
5. Os objetivos deste estudo são: compreender o lugar da comunicação não verbal na experiência clínica de gestalt-terapeutas de casal e família; discutir sobre o lugar da comunicação não verbal na Gestalt-terapia de casal e família; descrever a experiência de gestalt-terapeutas de casal e família, com a comunicação não verbal, em sua prática clínica e compreender como o gestalt-terapeuta de casal e família lida com a divergência entre a comunicação verbal e a expressa além da fala.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de uma ou mais entrevistas, com questões pertinentes à pesquisa.
7. Caso se sinta cansado(a), constrangido(a) ou emocionalmente desgastado(a), poderá ser marcado um novo encontro ou mesmo a interrupção de sua participação.
8. Sua participação proporcionará a oportunidade de reflexão sobre o lugar da comunicação não verbal, na Gestalt-terapia de casais e famílias. Além disso, você poderá contribuir com a construção teórico-prática de sua abordagem psicoterapêutica, com foco em um tema de grande relevância e pouca investigação – que é a comunicação não verbal, na área de relacionamentos conjugais e familiares.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação, colocando um nome fictício e retirando quaisquer evidências que possam identificá-lo(a). O material obtido ficará de posse do entrevistador num período de cinco anos, em local seguro, e após este período será incinerado.
10. Os seus dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Cristina Maria de Souza Brito Dias

Endereço: Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista Recife - PE

Telefone : (81) 875.9888

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81).2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

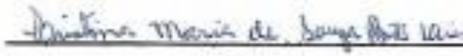
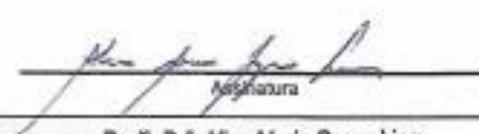
Recife, _____ de _____ de 2014.

Participante da pesquisa



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Comunicando além da fala na clínica gestáltica de casal e família		2. Número de Participantes da Pesquisa: 5	
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Cristina Maria de Souza Brito Dias			
6. CPF: 070.465.024-04		7. Endereço (Rua, n.º): CONSELHEIRO PORTELA ESPINHEIRO ap 201 RECIFE PERNAMBUCO 52020030	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: (81) 3241-4254	11. Email: cristina_britodias@yahoo.com.br
12. Cargo:			
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>08</u> / <u>11</u> / <u>2013</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
13. Nome: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE		14. CNPJ: 10.847.721/0001-65	15. Unidade/Órgão:
16. Telefone: (81) 1119-4375		17. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Profa. Dra. Aline Maria Grego Lins</u>		CPF: <u>243.565.224-00</u>	
Cargo/Função: <u>Pró-reitora Acadêmica</u>			
Data: _____ / _____ / _____		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL		Profª. Drª. Aline Maria Grego Lins Pró-reitora Acadêmica Mel. 3324-4	
Não se aplica.			